

DÊNNY SIVIERO

**MEMORIAL DO PROJETO EXPERIMENTAL
UNIÃO SÃO JOÃO: HISTÓRIAS DE UM TIME
QUE FAZ HISTÓRIA**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

2011

DÊNNY SIVIERO

**MEMORIAL DO PROJETO EXPERIMENTAL
UNIÃO SÃO JOÃO: HISTÓRIAS DE UM TIME
QUE FAZ HISTÓRIA**

Memorial apresentado ao curso de Comunicação Social/
Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Professor Mestre Paulo Lanes Lobato

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV
2011



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *União São João: Histórias de um time que faz história*, de autoria do estudante Dênnny Siviero, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Mestre Paulo Lanes Lobato – Orientador

Curso de Educação Física da UFV

Prof. Mestre Erivam Moraes de Oliveira – Coorientador

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Diego Abdou Obeid Alves

Jornalista

Viçosa, 20 de junho de 2011

Agradecimentos

A minha família. Minha mãe Sílvia por toda ajuda nessa e em outras etapas da vida, e minha avó Elena, que pode ser considerada minha mãe também. Ao meu irmão (ou melhor, amigo) Willy, que colaborou de forma fundamental para a finalização deste projeto.

A minha namorada Erika, que nesses momentos finais me ajudou sem medir esforços, durante noites tentando revisar e contribuindo muito para a conclusão de um projeto tão importante.

Aos amigos de Viçosa, e nesse caso principalmente ao André Vince (o Zidane), por ter me sugerido trabalhar com este tema.

Aos amigos de república, pela convivência e apoio durante tantos anos em Viçosa.

Ao jornalista Célio Casarin, que também foi fundamental para a obra, já que sem ele esse material não teria sido elaborado.

A senhora Nilza Fernandes, irmã do saudoso Ararinha. Graças a ela consegui reunir diversos fatos desse homem que foi tão fundamental para a história do União São João, e acabou sendo (mercidamente) a pessoa de maior destaque do livro.

Ao orientador Paulo Lobato, que concordou em seguir com o projeto e contribuiu de forma tão relevante para este.

Ao coorientador Erivam, que procurou me auxiliar diante de todas as adversidades enfrentadas até o encerramento dos trabalhos.

Ao primeiro orientador deste trabalho, Joaquim Lannes, que foi fundamental para os rumos da obra, afinal foi quem orientou e direcionou o trabalho em sua etapa inicial, me ajudando a enxergar o que realmente “merecia ser contado”.

A minha amiga Marília (Lila), que me deu “aquela forcinha” de última hora quando precisei.

Aos amigos Elder e Pedro Ivo (Pedrin).

A todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho, ou ao menos torceram para que ele desse certo.

RESUMO

Por meio de um livro-reportagem há sempre a possibilidade de se trabalhar um tema relevante, que mereça destaque e que possa ser contado de forma mais detalhada do que em matéria jornalística comum. Neste tipo de produção podemos utilizar elementos literários que sejam atrativos ao leitor, para que este possa compreender de forma mais aprofundada e interessante fatos ocorridos sobre um determinado tema. Por meio de tal metodologia de trabalho foi elaborado o projeto, que resultou no livro-reportagem *União São João: Histórias de um time que faz história*.

Os fatos contados neste, ilustram diversas passagens da rotina do clube. Passagens sobre a história desta agremiação e como foi o desempenho do clube foram contados por meio desta grande reportagem, que resgatou fatos históricos do União São João.

PALAVRAS-CHAVE

Livro-reportagem; União São João; futebol; Araras.

ABSTRACT

Through a book-report there is always the possibility of treating a relevant subject, that deserves emphasis and that can be more detailed than a common journalistic story. In this kind of production, we can use literary elements, that are attractive to the reader, so that he can understand in a deeper and more interesting way the occurred facts about a certain theme. The project was elaborated through this working method, which resulted on the book-report *União São João: Histórias de um time que faz história*.

The facts that are told here illustrate a lot of moments of the soccer club's routine. Moments about the history of this team and the development of the club were told through this big reportage, which rescued historic facts about União São João.

KEYWORDS

Book-report; União São João; soccer; Araras.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	p. 08
2. DISCUSSÃO TEÓRICA.....	p. 11
2.1 Futebol, torcedor e jornalismo esportivo.....	p. 11
2.1.1 O futebol e o torcedor.....	p. 11
2.1.2 O futebol, jornalismo esportivo e literatura.....	p. 13
3. METODOLOGIA.....	p. 16
4. PRODUÇÃO.....	p. 18
4.1 Definindo temas e buscando fontes.....	p. 18
4.2 Apuração de fontes.....	p. 20
4.3 Situação encontrada para pesquisa.....	p. 23
4.4 Produzindo o livro.....	p. 25
4.5 Diagramação	p. 26
5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	p. 27
5.1 Conteúdo do livro.....	p. 27
5.2 Especificações técnicas.....	p. 28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 29
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p. 31
8. ANEXOS	p. 32

1. INTRODUÇÃO

O União São João Esporte Clube é uma agremiação futebolística, que tem fundação datada de 14 de janeiro de 1981. O clube, que completou 30 anos em 2011, não possui quadro de sócios, por não se tratar de um “clube social”, ou seja, o trabalho exercido dentro do União São João é de caráter exclusivamente dedicado ao futebol. O time tem como mascote uma Arara, em clara alusão à cidade natal da agremiação, o município de Araras, localizado no interior de São Paulo, próximo à região de Campinas.

Com elencos marcantes em relação a atletas de carreira conhecida nacional e internacionalmente, o União São João já teve em seus quadros jogadores que hoje atuam por consagrados clubes do futebol brasileiro, como é o caso do atleta Borges (ex-jogador do São Paulo Futebol Clube, com passagem pelo Grêmio-RS e atualmente no Santos Futebol Clube), Léo (lateral com passagens pela Seleção Brasileira e que hoje atua pelo time do Santos Futebol Clube), Luan (atualmente atacante da Sociedade Esportiva Palmeiras), e Roberto Carlos (lateral-esquerdo com passagens pela Seleção Brasileira e que já atuou por grandes times, como por exemplo Real Madrid, da Espanha, Palmeiras e Corinthians do Brasil dentre outros). Essa peculiaridade do clube rende-lhe frutos até hoje, e é um dos pilares do União São João. O União conta com estádio próprio (Estádio Doutor Hermínio Ometto) que tinha a capacidade de receber 22 mil pessoas. Posteriormente a capacidade foi reduzida para 16 mil, por questões de segurança. Ao lado do estádio, o União São João mantém seu Centro de Treinamentos (CT) com três campos de futebol em medidas oficiais, e também inclui em sua estrutura alojamento para atletas.

Diante de toda essa estrutura e da grandeza de títulos e jogadores revelados ao futebol nacional por essa agremiação, é salutar uma obra bibliográfica que exponha ao menos parte da história do clube União São João. Importante salientar que o esporte é atividade reconhecidamente saudável, mas cremos que sua prática não pode ser esquecida na origem. Ou seja, importante, assim como a prática, também são informações sobre os clubes, suas respectivas fundações e influências que recebem e propagam.

Por vezes o futebol é superficialmente valorizado no Brasil. Superficialmente, neste caso, referimo-nos ao fato de considerarmos que a história do esporte é desprezada. Para que se tenha ideia de tamanho desprezo, nem mesmo a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), entidade máxima do desporto no Brasil, fornece dados sobre o esporte. O endereço eletrônico

da entidade¹ possui informações vagas e a Confederação não disponibiliza dados sobre jogos realizados em edições passadas de campeonatos organizados por ela. Apenas há dados sobre edições recentes de tais competições.

O União São João não se difere muito da CBF neste caso. O acesso às informações oficiais é difícil, e escrever memórias sobre o clube não é tarefa das mais simples. Os administradores não possuem acervo relevante, contando apenas com algumas imagens e recortes de jornais, mas sem uma organização dos fatos.

Não há na cidade de Araras – e nem no Brasil – um livro que fale especificamente sobre o União São João. O fato chama a atenção e mostra a carência de um trabalho que relate os acontecimentos de um clube com tamanha história.

Escrever um livro-reportagem sobre o União São João não é apenas uma maneira de se colocar em evidência a história de um clube. A tentativa vai além disso e procura negar uma visão, por vezes preconceituosa, de que um clube de menor expressão não tem “história pra contar”.

A decisão em se escrever um livro-reportagem se deveu a fato relevante: relatar a história do União São João é difícil, um processo complexo, e que necessita de muita informação. Mas acima de tudo, a decisão se embasou na relevância do clube como parte da história de uma cidade. Outro pilar para que se conte essa história é o fato de que um livro não serve apenas para se contar histórias. O livro-reportagem, neste caso, é um registro histórico, um meio acessível para consultas futuras e, inegavelmente, sua elaboração serve de base para a formação do autor que o escreve, já que para compô-lo foi necessário longo processo de apuração, seleção de fatos e realização de entrevistas, processo semelhante ao qual o profissional (jornalista) terá de passar por sua carreira.

O projeto não esgota as possibilidades de pesquisa sobre o objeto estudado – no caso o clube União São João. Pelo contrário, o livro-reportagem elaborado abre caminho para maior exploração da história do União São João. Serve de fonte de consulta, e foi escrito de maneira simples, com linguagem objetiva, em tentativa de simplificar ao máximo a compreensão do leitor. Nesse aspecto a ideia é manter a característica do jornalismo esportivo, que tem caráter objetivo, em um texto simples, mas direto.

¹ <http://www.cbf.com.br/noticias/memorias>

O resultado conquistado foi obtido por meio de pesquisas, leituras e entrevistas. Tais métodos, isoladamente não contemplariam de maneira satisfatória o objetivo de se contar, mesmo que em parte, histórias relevantes sobre o União São João. Por isso a união das entrevistas, acompanhadas de exposições durante a obra (obtidas por meio de consultas a bibliografias importantes) e complementadas por pesquisas feitas em acervos de jornais da época contribuíram para que se evite distorção dos fatos.

Não há garantias de que as histórias do livro serão fielmente contadas, mas houve imenso esforço para que fossem documentadas com o máximo de fidelidade possível. Isso foi possível mediante ao máximo empenho nos processos de apuração, pesquisa e entrevista. O “discernimento”, que é uma característica subjetiva, também é importante ao jornalista. Porém nenhum fato teve tamanha importância se comparado ao conjunto. Podemos falar com absoluta certeza que a escrita procurou ser fidedigna, e acreditamos que se aproximou de tal objetivo, devido à maneira de trabalho para a elaboração da obra: o cruzamento dos dados obtidos pelas três maneiras supracitadas (apuração, pesquisa e entrevista) para que se chegasse a um consenso sobre os fatos.

A obra se encerra, mas as possibilidades de se contar essa história não. Como dito anteriormente, vale reforçar: este livro não teve o objetivo de esgotar a história do União São João. Apenas selecionou alguns fatos, averiguou-os dentro das possibilidades de verificação e os colocou à mostra. Obviamente isso não encerrou a história do União São João, apenas corroborou a tentativa de se colocar em evidência a importância do clube e da divulgação de sua história.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1. FUTEBOL, TORCEDOR E JORNALISMO ESPORTIVO

Trataremos inicialmente três áreas interdependentes. Futebol, jornalismo esportivo e torcedores. Acreditamos não haver futebol sem torcida. Afinal, o esporte foi criado com o intuito de entreter as pessoas.

Profissionalizou-se, e hoje o esporte de modo geral, assim como o futebol, não é meio apenas de entretenimento. Ele influi na vida das pessoas, e por isso deve ser tratado com a devida seriedade. Segundo Heródoto Barbeiro (2006), o envolvimento do jornalismo esportivo com outras atividades como marketing, política privada dos clubes, federações, confederações e empresas é incompatível. O autor defende que o jornalista não trate o esporte como entretenimento ou meio de favorecimento pessoal, e sim como seu trabalho. Que exerça um jornalismo sério, compenetrado, sem deixar-se envolver demasiadamente pela emoção.

Para envolver-se emotivamente com o esporte temos um personagem que possui essa finalidade: o torcedor. Este sim representa a emoção do espetáculo, incentiva, expõe sua opinião, mesmo que não aceite uma contrária à sua agremiação.

Em suma, visualizamos o pensamento de Heródoto Barbeiro. Para este, basta “o torcedor para torcer”. Ao jornalista resta e cabe “apenas” informar.

Para facilitar nossa discussão dividiremos este capítulo em duas partes. A primeira usaremos para tratar do futebol e de como reage o torcedor, figura essencial no esporte, por vezes chamado de “décimo segundo jogador”. Na segunda parte discutiremos um pouco sobre o futebol, o jornalismo esportivo e a literatura, elementos fundamentais para a elaboração de nosso livro.

2.1.1. O FUTEBOL E O TORCEDOR

O futebol tem características peculiares. Por tratar-se de um esporte, é algo imprevisível, que depende de técnica, mas que não pode ser encarado como uma ciência exata, por exemplo, já que suas ações não são sempre planejadas.

Acreditamos que por ser tão imprevisível ele atraia tamanho interesse. Interesse e identificação. Justamente pelo apreço à emoção, o torcedor identifica-se com um determinado clube, e não o troca. Essa é a defesa feita também por Arlei Sander Damo (2001). Para o autor, a imprevisibilidade faz com que os torcedores se interessem pelos clubes, mas essa não é a única explicação para a identificação dos mesmos com as agremiações:

(...) existem a história, a tradição e a memória. É o resultado de sobreposições e arranjos múltiplos produzidos pelos vários segmentos que constituem o universo futebolístico, num tempo e espaço que não é o do jogo propriamente dito. É o tempo do cotidiano, ligado ao espaço da casa e da rua, do trabalho e do lazer, em que se “discute futebol”. Nesse espaço-tempo é que circulam as anedotas, as informações, as lembranças, os mitos, enfim, no qual se aproximam futebol e sociedade, dando a este esporte um encadeamento com outras esferas do social e aos agentes sociais – por intermédio daqueles que se dizem torcedores – uma sociabilidade vivida de modo particularíssimo, como um “faz-de-conta”. (DAMO, 2001, p. 89)

Os fatores sociais e a própria necessidade de sociabilidade trazem ao torcedor a ideia da importância dos clubes. Mais que torcer, os torcedores se agrupam, reúnem-se para zombar de outros. Torcer por um clube, mais que um fenômeno comportamental é um fenômeno social. Arlei Sander Damo (2008) reflete como a escolha de um clube é importante ao torcedor. Para ele, não há racionalidade na escolha, mas os clubes se tornam representações simbólicas a dada comunidade de sentimento.

Damo (2008) afirma que, para o torcedor, “os clubes precisam integrar os membros da comunidade afetiva que gravitam no seu entorno e preservar a memória da instituição”; ou seja, mais que apenas uma instituição, o clube é parte integrante do ambiente social de seu torcedor, que se sente diretamente envolvido com sua história.

O autor afirma ainda que não temos como pensar no espetáculo do futebol sem o público. O envolvimento da sociedade com o futebol é a base para a existência do mesmo. A identificação do torcedor com seu clube é essencial para o fortalecimento de sua equipe. Damo ainda esclarece que esse apreço imenso do torcedor para com o clube fica evidente quando há o perceptível esforço dos jogadores da equipe. O torcedor percebe a situação e se envolve com ela.

A relação entre identidade e torcedor é essencial para compreendermos esse apreço ao clube. Tomaz Tadeu da Silva (2001) define identidade como um ato de negação. Para o autor, quando afirmamos pertencer a algo, estamos negando pertencer a outro meio.

A afirmação "sou brasileiro", na verdade, é parte de uma extensa cadeia de "negações", de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação "sou brasileiro" deve-se ler: "não sou argentino", "não sou chinês", "não sou japonês" e assim por diante, numa cadeia, neste caso, quase interminável. Admitamos: ficaria muito complicado pronunciar todas essas frases negativas cada

vez que eu quisesse fazer uma declaração sobre minha identidade. A gramática nos permite a simplificação de simplesmente dizer "sou brasileiro". (SILVA, p. 1)

Esta visão de identidade se traduz assim em uma forma de interpretarmos identidade como pertencimento ou não a algo. Entendemos, portanto, que a identificação dos torcedores pode dar-se com o clube por uma necessidade de tal pertencimento. SILVA deixa claro que para ele, a identidade e a diferença se traduzem de forma bem objetiva, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence. Para o autor, o torcedor se identifica quando se vê pertencente ao clube, conseqüentemente se identificando com ele.

2.1.2. FUTEBOL, JORNALISMO ESPORTIVO E LITERATURA

O torcedor busca a identidade com seu clube por diversos meios e formas, mas acreditamos que o jornalismo esportivo tenha papel fundamental nisso. Afinal, este leva informações ao público todos os dias, sobre diversos aspectos de seu time (como nos referimos anteriormente, àquele pelo qual o torcedor tem o sentimento de pertencimento).

Porém, nem sempre o jornalismo esportivo esteve presente no cotidiano brasileiro com tamanha importância. Esta área, como categoria destacável em jornais, revistas, rádio, televisão ou quaisquer veículos de imprensa de nosso país, outrora possuía pequena expectativa de evolução e crescimento. Categoria rebaixada, fadada ao segundo plano, era encarada como uma forma menor de se fazer jornalismo. Como expõe Paulo Vinícius Coelho (2006), os responsáveis pelos jornais jamais imaginariam que o esporte pudesse ter tamanha importância nas páginas de tais publicações.

Só no fim da década de 1960, os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o *Caderno dos Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro. Dessa época para cá, os principais jornais de São Paulo e do Rio lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram como se tratasse de objeto supérfluo. Gastar papel com gols, cestas, cortadas e bandeiradas nunca foi prioridade. (COELHO, 2006, p.10)

Aparentemente não compensaria investir nos veículos de comunicação que se dedicassem exclusivamente aos esportes. Coelho (2006) conta que João Saldanha, jornalista que trabalhava na área esportiva na década de 1960, fazia previsões de que a revista *Placar* não duraria.

Enxergamos que, para Coelho (2006), anteriormente havia a imprevisibilidade sobre qual seria a reação do brasileiro aos esportes. Não existia um modo que respondesse se as pessoas estariam interessadas em lerem assuntos relacionados aos esportes. Além disso, o autor expõe que havia preconceito por parte dos jornalistas, que classificavam o esporte como fatos de importância menor.

Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular no país na época [do início do século XX], jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia. (COELHO, 2006, p.07)

Acreditamos que o futebol movera tais multidões citadas pelo autor. Para Paulo Vinícius Coelho (2006), os jornais começaram a destacar o esporte. Heródoto Barbeiro (2006) vai além. Segundo ele, o conceito de jornalismo se abrangeu para o jornalismo esportivo, que tem suas especificidades, suas técnicas. Mas BARBEIRO ressalta que o jornalismo, seja qual setor ele aborde, é o mesmo.

Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista e internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e do interesse público. (BARBEIRO, 2006, p.13)

Nesse contexto procuramos refletir sobre a especificidade do jornalismo. Fica demasiadamente complexo separar o jornalismo, pura e simplesmente, da literatura. A função de informar mistura-se com o caráter de ferramenta de entretenimento que a literatura se propõe a ser. Assim como o jornalismo se serve da literatura, esta se serve do jornalismo, como expõe Priscila Natividade Dias Santos Oliveira. Compartilhamos tal ideia exposta e buscamos no livro-reportagem (fruto de uma mescla entre jornalismo e literatura) maneiras que favorecessem contribuição efetiva dos dois segmentos.

Inicialmente, é o jornalismo que bebe na fonte e na “boêmia” literária. Depois, é a literatura que descobre no jornalismo um meio de repensar sua prática, através da realidade efetiva com um “sabor literário”, baseado na precisão da textualidade, clareza e simplicidade. Ou seja, a literatura retira temáticas do jornalismo que podem construir a realidade de suas histórias. (OLIVEIRA, 2006, p. 2)

O livro-reportagem não é entendido como um elemento isolado, independente de cada característica de origem – literária ou jornalística. Para a autora, este é resultado de uma

mescla, benéfica para o produto resultante: a obra final, obtida somando-se os fatores jornalismo e literatura.

A concepção de livro-reportagem pode ser bastante abrangente, já que é perceptível a variedade de entendimentos sobre seus elementos formadores. Porém, assim como Oliveira (2006, p. 13) deixa claro em seu entendimento, enxergamos a possibilidade de aprofundamento na apuração de um fato, história ou caso a ser contado. Segundo a autora, “o que se pode perceber é que a reportagem nos meios convencionais está sendo diluída pelo imediatismo do fato”.

Por isso mesmo, dá-se a importância necessária a uma obra elaborada, que venha a trabalhar o livro-reportagem em lugar de notícias deslocadas, isoladas e sem aprofundamento, sem deixar de oferecer ao leitor a oportunidade de acompanhar a trajetória de seu time, por meio de informações relevantes, trazidas por meio de linguagem simples, objetiva, mas que não perde seu caráter noticioso e informativo.

3. METODOLOGIA

A ideia inicial para a metodologia de trabalho do livro-reportagem se deu em caráter sugestivo. O colega de sala (aluno do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa) e amigo, André Vince, resolveu discorrer em livro-reportagem sobre a história da Associação Atlética Caldense, clube tradicional no futebol de sua cidade – Poços de Caldas – e do estado de Minas Gerais. Feito isso, André sugeriu-me que, pelo fato de assim como ele ser um apreciador de esportes e ter forte interesse no futebol, pesquisar e se possível escrever, de maneira a ser definida futuramente, um livro-reportagem sobre o União São João, tradicional clube futebolístico da cidade de Araras – minha “terra natal”.

Para a elaboração de um livro sobre o tema, é evidente a necessidade de leitura sobre o assunto; o que fiz com afinco ao cogitar a hipótese de trabalhar em tal contexto. Uma imersão literária no tema resultou na obtenção de vasta bibliografia, que embasou a pesquisa e posteriormente a escrita do livro.

Contudo, mesmo após diversos percalços advindos de problemas como, por exemplo, a distância da cidade em que a agremiação está sediada, falta de proximidade com fontes, com esportistas do município e campanhas mal sucedidas do clube nos últimos anos (que dificultaram uma abordagem sutilmente mais positiva), foi iniciada a elaboração da obra, pois concluímos que tais obstáculos seriam pormenores perto da necessidade de se contar a história de um time com tantas conquistas.

Inicialmente houve pesquisa de campo, por meio de coleta de dados, como recortes de jornais e outros periódicos que retratassem em suas páginas fatos sobre o objeto em estudo, o União São João.

Posteriormente foi possível realização de entrevista com o ex-jogador Wagner Fernandes Velloso, um atleta que seria importante para ilustrar a visão de dentro do campo. Também foi entrevistado o ex-presidente do clube, Antônio Carlos Martins, hoje empresário de jogadores.

Obviamente, para ser bem fundamentada a pesquisa, deu-se de forma imprescindível a anuência de um jornalista, para que este pudesse expor seus conhecimentos sobre o clube em questão, visto o conhecimento de tal profissional, que acompanhando o clube praticamente desde sua fundação (mesmo que não atuando como profissional da área

jornalística desde o início do acompanhamento) poderia trazer informações relevantes, mesmo que oficiosas.

Após tal procedimento houve também a busca por outra fonte, esta para que falasse sobre o torcedor *Ararinha*. Tal pessoa, de nome José Fernandes de Mattos, recebera o apelido por se tratar de ilustre representante dos torcedores daquele time. Por isso, em razão de seu falecimento anterior à pesquisa, foi procurada a irmã do torcedor, senhora Nilza Fernandes. Apesar de não fornecer entrevista, ela foi a principal responsável por tamanha diversidade de informações presentes na obra, já que, de posse de documentos antigos, guardados pelo irmão – torcedor fanático do clube – aceitou ceder os materiais que outrora pertenceram ao seu irmão, *Ararinha*.

De posse de tais materiais pude observar que o conteúdo era extremamente relevante. Como poucos sabem, *Ararinha* fazia uma espécie de clipagem² da história do União São João. Além de escrever comentários em cadernos, ele dividiu os cadernos por anos e colou diversos recortes de jornais da época, o que serviu de base para o presente trabalho.

Com tais jornais em mãos, houve vasta pesquisa em sites sobre esportes e futebol, nos quais foram constatados que os dados eram coerentes e condiziam com a realidade dos fatos, o que deu maior embasamento para o presente trabalho.

Houve então necessária definição de quais temas seriam tratados no livro. Foi definido que os títulos, troféus, conquistas e a história de *Ararinha* – personificado pelo homem que tornou possível tamanho acervo de informações sobre o clube – seriam a base do livro.

² **Clipagem** é uma adaptação para a língua portuguesa da palavra “clipping”, expressão idiomática da língua inglesa, que define o processo de selecionar determinado conteúdo.

4. PRODUÇÃO

4.1. DEFININDO O TEMA E BUSCANDO FONTES

Em conversas sobre o assunto com amigos em Araras-SP e colegas estudantes, percebi a grande possibilidade de contar a história (ou partes dela) do clube União São João. Havia, porém, o problema de grande distância do objeto – o clube – a ser estudado, já que posteriormente à coleta de dados, a primeira atividade necessária seria a realização de entrevistas com fontes que soubessem informar (mesmo que em caráter oficioso) fatos sobre o clube ao decorrer dos 30 anos de sua existência.

Percebi que as dificuldades seriam contornáveis, e por isso, como já citado, cheguei à decisão após observar diversos materiais, por meio de sites na *internet*. Consegui notar que havia um rico material disponível, bastando apenas uma reunião desse material, que merecia tamanho esforço. Por isso, comecei a procurar por obras sobre a história do futebol em Araras e sobre a fundação e a história do União São João. Houve então o início da busca pelos referidos materiais, essenciais em um levantamento vultoso como o pretendido.

Em leituras e pesquisas percebi a existência de livros discorrendo sobre o tema futebol na cidade de Araras, mas nenhum sobre o União São João especificamente. O livro *Araras e seus craques do futebol*, de autoria do jornalista Nilson Zanchetta Junior conta de forma primorosa parte da história do futebol ararense, mas tal obra aborda de forma rasa os fatos sobre o União São João – fato plenamente justificável, já que o foco da obra são os jogadores, conseqüentemente preterindo os clubes.

Com a indicação do jornalista Célio Casarin, entusiasta esportista, torcedor do União São João e experiente editor do jornal *Tribuna do Povo*, da cidade de Araras, pude ter acesso a outro livro em que era contada a história – rica e curiosa – sobre o torcedor símbolo do União São João: *Ararinha. O livro De José a Ararinha. A trajetória de um cidadão é*, a meu ver, a obra que mais se aproxima da instituição União São João, mas não se justapõe abundantemente da proposta de discorrer sobre a história do clube.

Por isso, após a percepção de que havia uma lacuna sobre o passado de tal instituição futebolística, resolvi que contaria, sim, a história do União São João, por meio das narrativas dos personagens curiosos, jogadores, jornalistas, boleiros, dirigentes (cartolas) e outros que contribuíssem de forma relevante. Todavia, quando fui a Araras para realizar coleta de dados,

no mês de julho de 2010, concluí que seria essencial realizar a coleta de recortes de jornais antigos, para obtenção de informações mais completas.

Por isso, o método mais fácil para encontrar tal material foi procurar em acervo destinado a esta atividade; o que fiz na Biblioteca Municipal de Araras e posteriormente na Câmara Municipal de Araras. Com um rico material em mãos, procurei o jornalista Célio Casarin. Este me orientou a procurar algumas pessoas, e também aceitou conceder entrevista, em data a ser marcada.

Após a primeira fonte, tentei por inumeráveis vezes contato com o presidente do União São João, o senhor José Mário Pavan. Foram, no mínimo, dez tentativas durante os meses de julho do ano de 2010, dezembro do mesmo ano e janeiro do ano de 2011. Apesar das diversas tentativas, o presidente não se mostrou resistente a elas, porém ele não pôde encontrar-me em nenhuma das oportunidades. Por ser empresário, ele viaja constantemente, mas o fator que mais agravou a situação é que o presidente não aceita falar durante os períodos em que o time disputa competições. Ele prefere conceder as entrevistas pós-campanhas.

Todavia, após a campanha do União São João no ano de 2011 eu já não estava em Araras. Houve tentativa de entrevista via telefone ou email, mas o presidente do clube argumentou que aceitaria conceder a entrevista somente de forma pessoal, “cara a cara”.

Felizmente houve, por indicações diversas, oportunidade de conversa com outro personagem importante na história do clube: o ex-presidente Antônio Carlos (Iko) Martins. Este se recusou a conceder a entrevista, mas não por indisposição, e sim porque ele “rompeu relações” com o atual mandatário, José Mário Pavan e não possui mais qualquer vínculo com o União São João.

Todavia, salutar destacar que Iko Martins foi um dos fundadores do União São João, e sua palavra, assim como de José Mário Pavan, seria relevante. Após entrar em consenso com o ex-presidente de que não gravaria a entrevista, ele aceitou concedê-la sem quaisquer problemas. Desta entrevista pude tirar poucas informações, mas ajudou-me a entender um pouco mais sobre os acontecimentos ao decorrer dos anos.

Procurei também por atletas que marcaram a trajetória do clube. O lateral Roberto Carlos, citado anteriormente, foi um dos alvos da procura. Por meio do professor (que se tornou coorientador deste projeto) Erivam Moraes de Oliveira, consegui imediato contato com a assessoria do Sport Clube Corinthians Paulista, clube pelo qual o lateral atuava até o final de

2010. Porém a assessoria do clube não conseguiu disponibilizar contato direto entre o atleta e eu, que acabou indo para o exterior, excluindo assim as chances de entrevista.

Outro atleta de “fama” procurado foi o ex-goleiro Wagner Velloso. Este prontamente atendeu minha solicitação, e por ser ararense foi fácil localizá-lo e combinar dia e hora para a entrevista.

4.2. APURAÇÃO DAS FONTES

Inicialmente conversei – como já citado – com o jornalista Célio Casarin. Este me indicou alguns livros, possíveis fontes e me concedeu pré-entrevista, que se deu em caráter informal, apenas servindo como um ponto de partida para a definição sobre as pessoas que deveriam ser ouvidas, e onde localizá-las.

Célio poderia contribuir efetivamente para isso, já que é jornalista na cidade de Araras, grande admirador de futebol e do União São João e consequentemente possui diversos contatos, ligados direta ou indiretamente ao clube.

Após a recomendação de que eu entrevistasse algumas pessoas, insisti com o jornalista de que sua entrevista seria importante no processo de apuração dos fatos, e com isso convenci-o a gravar entrevista (anexada a este trabalho), para que pudesse me esclarecer algumas dúvidas, dar sua versão como jornalista, e também contar um pouco sobre sua visão de torcedor do clube, demonstrando os anseios e expectativas em relação ao União São João.

Já com data definida, resolvi entrar em contato com um amigo, que por ter parentesco com o ex-goleiro Wagner Velloso, poderia me passar o contato do esportista. Imediatamente este amigo telefonou ao possível entrevistado, questionando-lhe sobre a possibilidade de conceder uma entrevista.

Velloso aceitou prontamente, e de posse do número de seu telefone celular, entrei em contato para combinar local, data e hora para que pudéssemos conversar e, por conseguinte gravar a entrevista. Marcada a entrevista, Velloso abordou diversos assuntos, mas como sua passagem pelo clube foi curta, focamos principalmente no acesso para a Série A do Brasileiro de 1993.

Velloso contou detalhes, em uma conversa curta, mas bastante proveitosa. O atleta fez questão de valorizar a conquista e demonstrou lembrar ainda hoje sobre como foram se desenrolando os fatos, e como o União São João conseguiu a conquista.

Após o encerramento da entrevista com o atleta tive a oportunidade de entrevistar o jornalista Célio Casarin, que posteriormente a várias conversas, dessa vez cederia uma entrevista mais organizada, que contaria com roteiro. Esta seria feita na sede do trabalho do jornalista, a redação do jornal *Tribuna do Povo*. Por tratar-se de um jornal trissemanal, Célio sugeriu-me que realizasse a entrevista em um dia que não acontecesse o “fechamento” do periódico.

Feito isso, fui até a redação do jornal na manhã combinada. Célio Casarin separou alguns materiais, mas o grande proveito do encontro foi a conversa. A troca de informações com o jornalista foi longa, sendo a entrevista que demandou mais tempo, mas a que mais contribuiu no processo informativo, dando base para uma busca mais completa em relação a materiais e livros a serem pesquisados.

O jornalista me indicou o livro “Araras e seus craques do futebol”, de Nilson Zanchetta Junior. Outra obra indicada por ele foi “De José a Ararinha. A trajetória de um cidadão”, de Sérgio Luiz Mazon. As duas indicações foram de grande proveito, assim como outra indicação: a de um site. O site, chamado de “História do Futebol Ararense”³ foi de grande valia para a pré-pesquisa, assim como informações obtidas por meio do site oficial do próprio clube⁴.

Célio Casarin confessou durante a entrevista ser grande fã do União São João, inclusive considerando a agremiação como seu “primeiro time”, ou seja, ao contrário de algumas pessoas que se declaram torcedoras de um time considerado “grande” e afirmam nutrir certa simpatia pelo time da cidade em que residem – no caso o União São João –, o jornalista declarou torcer primeiramente pelo União (time que ele acompanhou desde sua infância).

Durante o depoimento, Casarin também contou algumas façanhas do clube, expôs seu ponto de vista sobre quais passagens foram marcantes na história do União e ainda confidenciou-me a ideia de elaborar um projeto semelhante a este, colocando em um livro partes relevantes da história do clube em questão.

³ <http://futebolararense.sites.uol.com.br/>

⁴ <http://www.uniaosaojoao.com/>

Casarin foi o único que abordou a questão do antigo estádio (o Engenho Grande), destacando sua visão de como eram os jogos na antiga casa, e como ele pensa que ficaram as disputas depois que o clube mudou-se para o estádio Hermínio Ometto.

Por fim, Casarin se mostrou solícito em oferecer ajuda, mas não me forneceu quaisquer tipo de materiais, já que segundo ele mesmo afirmou, não possui o acervo para este tipo de trabalho.

Foi o jornalista quem também me sugeriu procurar ex-presidentes do clube e o atual mandatário. Procurei o atual presidente, José Mário Pavan, e o ex-presidente Antônio Carlos Martins (Iko Martins). José Mário se mostrou solícito, mas como já citei, após diversas tentativas (ao menos umas dez) não consegui sucesso. Infelizmente em nenhuma vez houve contato direto com ele. Já o ex-presidente Iko Martins se mostrou mais acessível, mas não queria conceder nenhuma entrevista.

Com este houve certa aproximação. Durante minhas férias, em julho de 2010, o encontrei algumas vezes. Ele gostava de conversar informalmente sobre o União, e me mostrou alguns vídeos do clube que mantém guardados em seu escritório, mas explicou que afastou-se do clube e do atual presidente, José Mário Pavan.

Segundo Célio Casarin me relatou, os dois (Iko e Pavan) eram amigos, mas por problemas pessoais não se falam desde meados da década de 1990. Por isso mesmo Iko Martins preferiu não conceder entrevista, mas após longas conversas topou, desde que não houvesse gravação.

Com essa ressalva feita por ele, resolvi por bem não acrescentar muitas falas do ex-presidente. Todas as participações dele no livro ilustram apenas histórias interessantes, mas totalmente afastadas de quaisquer conflitos políticos pelos quais o clube tenha passado.

Deixei claro ao ex-presidente a intenção de apenas ilustrar o livro, prometendo não abordar questões desta natureza, já que o clube ainda é muito recente, e seus conflitos políticos e de interesses também. O objetivo do trabalho sequer tangenciou tal vertente, já que nosso objetivo neste trabalho foi abordar puramente o desempenho em campo do time União São João. Obviamente não deixamos de citar fatos políticos, como, por exemplo, ser considerado um dos primeiros – se não o primeiro – clube empresa do Brasil. Porém não focamos tal fato na política do clube, deixando de lado uma questão recente que poderia gerar polêmica desnecessária, sem qualquer importância para a presente obra.

Concordando em conceder a entrevista, Iko Martins contou como foram os anos em que esteve à frente do União São João, época que tinha ao seu lado José Mário Pavan. Ele recordou-se de alguns fatos, falou sobre as categorias de base do clube, sobre seu pensamento e a representatividade do União São João em sua vida.

Além disso, ao se recordar de jogadores que passaram pelo elenco do União, Iko Martins emprestou-me o livro “Araras e seus craques do futebol”, de Nilson Zanchetta Junior. A leitura do mesmo foi anteriormente sugerida pelo jornalista Célio Casarin.

Após o fim da entrevista anotei algumas questões abordadas por Iko Martins, e comecei a ler o livro emprestado por ele para verificar se este poderia servir como fonte de pesquisa para a obra, por tratar de jogadores de futebol nascidos na cidade de Araras, ou com passagens destacadas por times do município. Percebi que o livro fazia referência ao futebol na cidade, o que seria bastante útil para o enriquecimento de minha obra, a ser elaborada. Após as entrevistas busquei materiais como, por exemplo, livros e jornais de épocas positivas do União, que pudessem acrescentar mais elementos e dar maior embasamento à pesquisa, que posteriormente seria utilizada para resultar no livro-reportagem.

4.3. SITUAÇÃO ENCONTRADA PARA PESQUISA

Em busca de material, com a meta de adicionar o que fosse encontrado por mim às pesquisas, e com o intuito de embasar entrevistas com fatos descritos em jornais da época, resolvi que seria de imensa valia conseguir cópias de tais periódicos, e por isso fui à Biblioteca Municipal de Araras.

Chegando ao local fui informado que a mesma estava passando por reformas estruturais, e fui orientado a ir até a Câmara Municipal. Segundo a atendente da biblioteca, a Casa Legislativa teria vasto acervo de jornais antigos. Após o informe, me dirigi à Câmara Municipal. Conversando com funcionários consegui autorização para consultar os materiais. Feito isso, resolvi selecionar jornais de datas que seriam importantes para a obra, e observei que era de grande relevância escolher momentos de glória do time: títulos de campeonatos de futebol ou quaisquer outros fatores que fossem de relevância histórica (como por exemplo, mudanças de sede ou histórias que comprovassem pioneirismo da instituição). Coletei

material por meio de anotações, copiando informações impressas nos jornais, e também por meio das fotos das páginas dos jornais.

Durante pouco mais de uma semana fui pesquisar os periódicos, anotando as informações e registrando por meio de fotografias o que pudesse ser útil. Nem todo o material foi utilizado, mas foi importante a coleta, já que esta me deu boa base para prosseguir com o livro. Porém, ainda havia alguma lacuna: a história parecia não ter elementos que pudessem atrair o leitor, cativá-lo de forma mais destacada.

Foi então que resolvi procurar Nilza Fernandes, irmã de *Ararinha*, homem já falecido, que era torcedor símbolo do União São João e personagem mítico na cidade de Araras. Inicialmente a ideia era realizar entrevista com a irmã dele, mas Nilza se comprometeu a entregar-me alguns materiais e um livro que contava um pouco sobre a história do irmão. O livro entregue foi *De José a Ararinha. A trajetória de um cidadão*, escrito por Sérgio Luiz Mazon. O mesmo livro também havia sido indicado por Célio Casarin, jornalista do trissemanário *Tribuna do Povo*. Mas agora tive a oportunidade de ler a obra, que me trouxe vasto conhecimento sobre a vida particular do torcedor, até então desconhecida por mim.

Ler tais referências norteou o trabalho, mas fundamental foi o material cedido por Nilza Fernandes. Em uma caixa, ela me entregou diversos jornais, revistas, tirinhas e cadernos. Resolvi vasculhar o material e descobri que José Fernandes havia feito diversas anotações ao longo de sua vida, desde quando se tornou o *Ararinha*.

As anotações estavam em diversos cadernos. Em cada um destes, o torcedor havia anotado resultados, gols, escalações e até críticas ao time do União São João, escritas após os jogos. Os cadernos serviram de base para a pesquisa, já que eles traziam consigo recortes originais de jornais antigos, que retratavam as notícias, dando base para a veracidade dos comentários e anotações (como por exemplo, resultados dos jogos impressos em folhas de jornais, que expunham a veracidade das anotações feitas por *Ararinha*). Nem as derrotas consideradas humilhantes foram deixadas fora das anotações. Tanto resultados positivos como negativos constam nos cadernos. Para que não houvesse dúvida sobre resultados também consultei sites especializados na *internet*, que estão citados pelo livro, confirmando as anotações feitas pelo torcedor símbolo do União São João.

Outro livro que me auxiliou (este no capítulo sobre curiosidades) foi “Loucuras do Futebol”, do autor Emedê. A obra, de caráter mais cômico, traz em suas páginas histórias

curiosas e engraçadas sobre o futebol no Brasil. Anotei por suas páginas as referências feitas ao União São João e as inseri na obra, citando devidamente a origem das informações.

Reunidas todas as fontes de pesquisa e após a decupagem⁵ das entrevistas, ou seja, após reunir todos os documentos e imagens para iniciar o livro, refiz o planejamento e iniciei a elaboração da obra, definindo capítulos e assuntos a serem abordados.

4.4. PRODUZINDO O LIVRO

Com as informações em mãos comecei a redigir o livro, mas ainda, de certa forma, não tendo definido exatamente os pontos centrais. Com o apoio do professor Joaquim Lannes defini que faria uma breve introdução seguida de capítulos sobre o clube, seus maiores rivais, atletas, funcionários, as torcidas organizadas, curiosidades e fatos positivos e negativos da história do União São João.

O professor Lannes me auxiliou, expondo que os capítulos deveriam trabalhar temas para os quais eu tivesse vasto material, e principalmente que fossem de interesse do leitor. Em conjunto com o professor (e na época orientador deste trabalho), enxugamos os capítulos e definimos quais seriam as prioridades. O professor Lannes sugeriu também uma breve introdução sobre a cidade de Araras e sobre o futebol no local. Ele também indicou que deveríamos explanar um pouco sobre o início da história do clube, o que foi feito em capítulos dedicados aos assuntos especificados.

Após a troca de orientação, quando passei a ser orientado pelo professor Paulo Lobato e coorientado pelo professor Erivam Moraes de Oliveira, deu-se continuidade ao processo, e foram sugeridas ainda, pelo professor Paulo, algumas correções. O professor Erivam deu apoio e concordou com as sugestões colocadas pelo professor Paulo Lobato, que foram atentamente observadas e tiveram grande relevância para tornar a história mais atraente e compreensiva.

Finalmente, mesclando-se ao processo final de elaboração, houve também o processo de diagramação descrito a seguir. Durante tais processos, que ocorreram de forma concomitante, aproveitei para revisar o livro, corrigindo possíveis imperfeições estéticas, além

⁵ A palavra decupagem refere-se ao ato de escrever ou roteirizar algo que já foi executado, como em nosso exemplo: transcrever em texto a entrevista já realizada em áudio.

de reler a obra para verificar se a mesma foi finalizada de forma compreensiva, objetiva e interessante. Contudo, em último momento me dediquei exclusivamente à diagramação.

4.5. DIAGRAMAÇÃO

O livro foi planejado para ter sua diagramação executada no programa *InDesign*, produzido pela empresa *Adobe*. A escolha desse programa deve-se a alguns fatores, dentre os destacáveis por nós, que são: o programa é um dos mais modernos e um dos que possuem mais recursos dentre os existentes no mercado para tal função; outro motivo importante foi que durante a graduação, em aulas sobre editoração gráfica, adquirimos certo domínio sobre este *software*, o que nos dá margem para executar quaisquer serviços de diagramação com o programa escolhido.

Com o referido domínio sob o programa, decidimos que a diagramação aconteceria por etapas, em que cada capítulo seria feito por vez. Em um prazo de um mês, durante o processo de revisão do trabalho em questão, a diagramação foi elaborada, passando também por diversas revisões para que se alcançasse um resultado visual e estético harmonioso, para que o leitor se sentisse atraído pelas imagens, pela leitura do livro e que pudesse, fundamentalmente, ler as páginas sem que este se sentisse confuso em relação à disposição das informações.

Após a diagramação e a revisão, foi encaminhado todo o trabalho a uma gráfica viçosense, que imprimiu exemplares distribuídos à banca, além de se responsabilizar pela impressão dos exemplares que serão disponibilizados ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e aos colaboradores.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

5.1. CONTEÚDO DO LIVRO

O União São João é importante para a cidade de Araras-SP, sua terra natal. Por esse motivo exploramos, no primeiro capítulo, a história da cidade. Procuramos mostrar nessa parte do livro o local; não por meio de imagens, e sim de dados. Concluímos ser importante para o leitor, conhecer essa história, mesmo que um pouco, para que este possa saber da origem do União São João.

A seguir foi introduzido capítulo que se refere à história do futebol ararense. Houve nítida necessidade de falarmos do futebol na cidade, já que ele também se constitui como uma referência para o surgimento do União São João, mesmo que de forma indireta. Por isso aproveitamos o mesmo capítulo para contar a história que deu origem ao União São João.

Foi dedicado extenso capítulo ao personagem *Ararinha*. O torcedor (tido como ilustre por muitos) foi de importância fundamental na elaboração da obra sobre o União São João, pois devido a ele conseguimos captar diversos materiais para a elaboração do livro.

As páginas dedicadas a *Ararinha* foram também uma maneira que encontramos de homenagear o torcedor, e “fugir da mesmice”, procurando um personagem cativante que pudesse dar maior vida ao livro. Como citado no próprio livro, “guardadas as devidas proporções, *Ararinha* poderia ser descrito como ‘o Pelé’ da torcida do União. Um torcedor fanático, simbólico, e representativo”.

Após capítulo oferecido ao torcedor, a base histórica do livro foi construída. O maior capítulo foi dedicado às conquistas do União São João. Dentre acessos e conquistas, o capítulo 4 contou como foi o caminho dos jogos e campeonatos mais importantes – ao menos em nossa perspectiva – da história do União São João

Para o encerramento do livro definimos que a criação de uma parte dedicada a fatos curiosos seria boa alternativa. Por se tratarem de fatos isolados, este capítulo foi elaborado de forma “topicalizada”. Nesta parte são contadas histórias engraçadas e curiosas. O capítulo traz também informações importantes, que não se encaixariam em outros capítulos, mas não poderiam ficar sem citação no livro.

Ao final do livro há um índice de imagens. Neste podemos encontrar cada imagem com a sua respectiva descrição e qual o meio de obtenção da mesma. Tal índice ajuda o leitor a consultar a imagem referente ao caso que queira, de forma isolada, se assim o desejar.

5.2. ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS

Os dados técnicos do livro-reportagem *União São João: Histórias de um time que faz história*, produzido como trabalho de conclusão de curso, são os seguintes:

Número de páginas: 152.

Formato: 14,8 cm x 21 cm.

Páginas: papel sulfite 75g.

Capa: colorida, capa dura.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo inicial para a elaboração da obra – pesquisas e entrevistas – foram as partes mais complexas do trabalho. Apesar de um roteiro pré-definido e a preparação anterior de um pré-projeto para abordar o tema a ser estudado – e nesse caso, o livro a ser produzido –, com o acúmulo de entrevistas, pesquisas e diversos outros materiais levantados no período, o trabalho ganhou um rumo que anteriormente não era tão bem definido, devido até a um desconhecimento inicial do tema a ser trabalhado.

Leituras e pesquisas aprofundadas sobre o assunto contribuíram de maneira fundamental para que o mesmo ganhasse uma base bem definida, mas também ajudaram na formação do autor desta obra, que teve imenso trabalho para selecionar – em conjunto com seu orientador à época, Joaquim Lannes – quais tópicos seriam mais relevantes para um trabalho aprofundado, que merecesse destaque e páginas de uma obra que procurou evidenciar momentos marcantes da história do União São João.

Ficou claro para nós que mais importante que o material reunido foi o conjunto deste somado às entrevistas. Mais evidente é que, para a realização de um trabalho deste porte, é necessário manter contato com jornalistas e esportistas do local que se pretende estudar. Pudemos perceber isso graças a nossa pesquisa, que mesmo sendo baseada em diversos materiais bibliográficos, foi possível somente devido à colaboração de jornalistas e pessoas próximas ao clube e aos personagens do livro. Isso contribuiu para que o trabalho ganhasse aprofundamento, já que enxergamos como fundamental a soma dos meios para obtenção das informações contidas no livro.

Outro ponto que merece atenção foi a questão que tangencia o planejamento. Pudemos perceber o quão importante é o trabalho de planejamento, mas neste ficou explícito que tal meta não pode ser limitadora. É preciso – e nesta obra foi fundamental – estar preparado para mudanças fora do que foi definido. Isso se deve ao fato de que, quando se faz o planejamento, espera-se encontrar determinada situação para pesquisa, mas situações fora do previsto são plenamente possíveis – e aconteceram em nosso caso. O que percebemos nitidamente, é que não devemos deixá-las de lado, já que podem ter efetiva contribuição no projeto.

Por fim, a dedicação, o interesse no tema, o planejamento, leituras, levantamentos bibliográficos e entrevistas foram os pontos que ajudaram a alicerçar o trabalho. Pudemos

perceber com isso que a história do União São João é imensamente maior do que imaginávamos. Podemos afirmar que, de certa forma, subestimamos o que esperávamos encontrar. Não porque a expectativa era pequena em relação à história do União São João, e sim porque esperávamos poucos relatos e materiais de consulta.

A surpresa foi positiva, pois enriqueceu o que esperávamos como resultado. A próxima meta é divulgar exemplares do livro, com o apoio do clube, para que a história não se perca, e que as pessoas tenham mais acesso e conhecimento sobre a história do União São João.

O projeto não abrangeu toda a história do clube, mas deu um passo importante para que se inicie um processo de pesquisas, por meio de reunião de materiais e coleta de entrevistas, com o intuito de se conservar uma história tão rica, que em nossa visão, não pode se perder com o passar dos anos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006. 188 p.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

DAMO, Arlei Sander. **Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo**. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2008, v. 23, n.66, pp. 139-150.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e estética**. São Paulo Perspec. [online]. 2001, v.15, n.3, pp. 82-91.

DUARTE, Orlando. **Palmeiras – O Alviverde Imponente**. São Paulo: IBEP NACIONAL, 2008.

EMEDÊ. **Loucuras do Futebol**. 3 ed. São Paulo: Editora Panda, 2003. 124 p.

MAZON, Sérgio Luiz. **De José a Ararinha: A trajetória de um cidadão**. Araras: M Volpi Artes, 2004. 157 p.

OLIVEIRA, Priscila N. D. S.. **Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história**. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0717-1.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. Disponível em:

<http://ead.uces.br/orientador/turmaA/Acervo/web_F/web_H/file.2007-09-10.5492799236.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2010.

ZANCHETTA JUNIOR, Nilson. **Araras e seus craques do futebol**. Araras: Topázio Gráfica e Editora, 2007. 166 p.

ANEXOS

Entrevistas

ANEXOS

ANEXO 1 – ENTREVISTA 1 – Wagner Fernando Velloso, ex-goleiro do União São João, que teve passagens destacadas por Palmeiras-SP, Santos-SP e Atlético-MG. Dia 19/11/2010. Local de trabalho do entrevistado.

Dênnny Siviero: Velloso, gostaria de saber como foi sua passagem em 1992, aqui, pelo União São João.

Wagner Fernando Velloso: Eu lembro bastante coisa. Não lembro tudo claro, mas lembro bastante coisa. Bom, eu estava insatisfeito no Palmeiras, tinha interesse em sair do clube, vários clubes mostraram interesse né, mas o Palmeiras tinha um caso recente de um goleiro ter saído e se dado bem, que era o Zetti, do São Paulo. Então ele me emprestaria desde que não fosse para... (interrupção da entrevista por celular que tocou)

(continuação da entrevista) Então ele me emprestaria desde que não fosse para um clube da primeira divisão. Então tinha que ser algum clube que disputasse o que seria a Série B de hoje. E na série B estavam o Paraná, que tinha interesse também e o União São João. E como o União é aqui da minha cidade, minha família também, acabei optando pelo União São João. Vim pra cá por empréstimo de um ano pelo Palmeiras, podendo ser de apenas 6 meses. Acabei ficando o ano todo. Disputei o campeonato Paulista, mas não foi nessa ordem. Primeiro o Brasileiro, o ano que o Grêmio também estava no Campeonato Brasileiro da Série B, e talvez por isso se abriu uma exceção.

Naquele ano doze equipes subiam para a primeira divisão. Então era uma oportunidade muito boa da gente conseguir fazer que o União chegasse à primeira divisão do campeonato Brasileiro, então União investiu bastante, tinha um time muito forte...

DS: Você já veio pensando que poderia subir?

WFV: Sim, lógico. Vim por isso. Aí... o União montou um time muito forte, mas era um campeonato com vários times fortes. Lembro que tinha o Paraná, que era um time que investia muito, era pouco após ter fundido né, o Paraná, dois times que eram Pinheiros e Toledos, se não me engano. Virou Paraná Clube né. Então, era um time muito forte. Acho que não é Toledo não, mas deixa pra lá, agora não me recordo não. Mas é Pinheiros e alguma coisa.

Tinha o Vitória, Grêmio... tinha vários times aí. Bangu, que era muito forte na época; vários times candidatos ao acesso. E foi uma campanha difícil no começo, classificamos apenas na última rodada, num jogo em Bauru, contra o Noroeste. Precisávamos de quase um milagre pra subir o time na última rodada. Precisava ganhar do maior número de gols possível e ainda torcer pra uns três ou quatro resultados coincidirem pra gente subir. E nós ganhamos por 2 a 0 e os três, quatro resultados aconteceram e nós subimos por causa do saldo de gols com esses dois gols. Na nossa chave classificavam 8 equipes e nós só ficamos na oitava posição na última rodada. Durante todo o campeonato nós ficamos brigando pra chegar ali. E o Noroeste era um concorrente nosso, por isso é um resultado importante também. E o Noroeste nos venceu aqui e precisava talvez só de um empate lá, não lembro direito, mas precisava do resultado pra subir também. E o Noroeste só dependia dele, sendo assim acho que o União não subiria. O União acho que estava com seis desfalques, tínhamos perdido em casa, fomos pra lá cheio de desfalques e tendo que ganhar e torcer por resultados, quase que um milagre né? E aconteceu.

DS: Você começou no União porque estava no Palmeiras e queria sair para jogar...

WFV: Eu saí do Palmeiras. Em 92 eu vim pra cá por isso. Tava sem jogar lá, queria sair e apareceu o União e acabei decidindo pelo time da cidade, queria ajudar também o União a subir...

DS: Porque você não jogou e nem começou no União, sendo de Araras?

WFV: Sempre joguei em times da cidade. E eu tive na Ponte fazendo testes, depois apareceu o Palmeiras, com 14 anos. Acho que eu era muito novo por União ainda, porque o União não tinha essa categoria né, eu era muito novo e União só tinha a categoria de Juniores, que é quase profissional, não tinha minha categoria. Por isso apareceu uma oportunidade no Palmeiras.

DS: O time era forte o suficiente pra subir à Série A?

WFV: Era sim. Ter vindo aqui pra subir o time e ter sido um dos investimentos do time né, e realmente a coisa ter acontecido. Fui contratado pra ajudar o União a subir e acho que o

último jogo aqui foi um dos momentos mais felizes da minha carreira no União por ter conquistado o objetivo e ter cumprido minha missão aqui.

DS: Teve alguma partida que você lembra, pelo União, que você se destacou muito? Pegou todas?

WFV: Foi esse jogo contra o Noroeste.

DS: Você jogou bem essa partida? O time acreditava ainda?

WFV: É, alguns sim, outros não. Eu sempre acreditei muito. Nós tínhamos um jogo em Ribeirão [Preto], que acabamos empatando, o Botafogo estava com 10 jogadores ou nove, mas vínhamos de várias vitórias seguidas.

DS: Esse jogo em Ribeirão foi antes?

WFV: Foi sim, antes do jogo contra o Noroeste.

DS: Você atuaria como técnico do União São João?

WFV: Depende, acho que sim. Da minha parte não vejo empecilhos, sou profissional, desde que haja uma proposta e as condições sejam boas, eu vou trabalhar.

DS: Mas você já recusou ser técnico do União. Por quê?

WFV: Eu estava trabalhando como auxiliar ainda, e achei que aquele ainda não era um momento de assumir uma responsabilidade como essa. Ainda mais sendo na minha cidade, né.

DS: Você tem medo de, por estar na sua cidade, pegar um trabalho aqui? Acha que a pressão pode ser maior?

WFV: Acho que a cobrança sempre vai ser maior, acho que por a pessoa ser da cidade já, ser conhecido no meio já, por ter um passado no esporte e no próprio União, por ser da cidade as cobranças sempre vão ser maiores né, mas isso não me assusta não. Já joguei no União, e a cobrança era maior.

DS: Velloso, como você vê o União hoje? Em 92 era mais forte?

WFV: Muito mais. Na época que joguei tinha o apoio da Usina São João, também, que era o que mantinha o União né, patrocinador que investia, contratava jogador, pagava salário, então tinha um time forte por isso né, jogadores eram contratados pela Usina. Nunca teve problema de salários atrasados. Era a força do interior, nessa época né. E sem esse apoio da Usina, se gasta muito e arrecada pouco, não tem uma fonte de renda. A Federação [Paulista de Futebol] ignora. O público de Araras também não ajuda, não é de renda que se consegue tocar o União São João, então o União vive hoje de venda. Vende um jogador por ano pra tentar se manter.

DS: Qual explicação para o público fraco?

WFV: Na época da Usina, tinha uma identificação com a cidade. Acho que o União perdeu essa identificação com a cidade, não sei se pelo União não conseguir interagir com a cidade, não haver proposta de que as escolas sejam visitadas por atletas. Acho que alguma coisa precisa ser feita, criar essa identificação, isso não existe, não é trabalhado. A gente não vê o interesse. Na minha época a gente via 3000 torcedores, hoje se der 300 é muito. Quando vim jogar aqui ainda sugeri que se jogasse no centro da cidade. Hoje talvez nem seja permitido porque fica próximo ao hospital, por causa do barulho. Mas que jogasse num ponto mais próximo, mas não vejo nada disso.

DS: Você guarda alguma mágoa do União?

WFV: Não, não. É claro que no final fiquei um pouco decepcionado com uma atitude das pessoas que dirigiam o União, porque o União subiu também no Paulista. Subiu nos dois campeonatos. No fim do ano teve uma festa de confraternização, e logo após fiquei sabendo que eles não iriam pagar meu décimo terceiro salário, então, por essa atitude, até hoje não entendo. Não entendo, do porque né, até hoje não me deram explicação. Como eu tava me

desvinculando não pagaram. Achei um desrespeito, uma falta de consideração. Fiquei muito chateado, mas tudo bem. Já... não trago mais isso comigo.

DS: E o Ararinha, você lembra?

WFV: Lembro. Era uma das pessoas que ajudavam nessa identificação clube-cidade. Era uma pessoa participativa, alegre, representante do torcedor ararense, infelizmente não teve substituto. Ararinha se foi, e deixou esse vazio, porque não existe uma pessoa, uma torcida, nada que seja tão representativo.

DS: Ele era próximo dos jogadores?

WFV: Próximo... Era. Lembro que às vezes ele ia em casa, preocupado com o União, sabia e acompanhava quase todos os jogos.

ANEXO 2 – ENTREVISTA 2 – Célio Casarin, editor e jornalista do “Tribuna do Povo”, jornal da cidade de Araras e torcedor assumido do União São João Esporte Clube. Dia 03/12/2010.

Dênnny Siviero: Célio, Você sabe o significado das cores do escudo do União? E por que foi mudando, o que foi acontecendo?

Célio Casarin: Na verdade tem uma ligação muito grande com o clube da Usina São João., a Sociedade Esportiva e Recreativa Usina São João, SER União São João, que o União São João tem uma ligação muito forte com esse clube, que é um clube amador da década de 50 em Araras. E na época o verde era utilizado pela Usina São João. Não sei se foi por motivos... palmeirenses, ou por motivos da cana-de-açúcar, alguma coisa parecida com isso, mas sempre foi o símbolo do União São João, verde e branco. Da Usina São João. E quando foi fundado o clube União São João, então manteve muito do que era essa Sociedade Recreativa [Usina São João], inclusive no distintivo. Então foi usado sempre o verde e branco.

Mas mesmo assim, ainda no início, a camisa número um do União São João era o verde, o União sempre usou a camisa número um como verde. E na década de 90, já na administração do Pavan, do Iko Martins, eles perceberam que tinha uma certa rejeição por um grupo da cidade ou coisa parecida, de que o União São João era verde, e o verde é uma disputa muito grande com o são-paulino, com o santista, e principalmente o corintiano. Então o União São João começou a usar o branco como uniforme número um, isso desde a década de 90. E aí eles aproveitaram e mudaram o escudo também. Como eles quiseram fazer com que o União São João ficasse com uma identidade mais de Araras e não de Usina São João eles usaram então a arara como mascote do clube. E aí usaram outras cores, da cidade e tal... Mas basicamente ainda é o verde e branco. O verde branco ainda é...

DS: Outra pergunta que eu ia fazer você acabou já comentando que não tem certeza, né? Existe um boato de que as cores do União são essas porque os dirigentes eram palmeirenses... Mas outra coisa que eu queria saber é se você lembra do acesso de 1987?

CC: Eu lembro. Ahn... Aliás, se você pegar a história do União São João de conquistas, você vai ver que a principal conquista, oficialmente falando, no cenário nacional, foi o título brasileiro da Série B, em 1996. Mas o título de 87, foi o acesso da segunda divisão do paulista, foi muito mais marcante para o torcedor ararense do que o título brasileiro. Por quê? Porque em 87 a gente viu uma mobilização de praticamente toda a cidade em prol do clube. Era a época da Usina São João, a usina que ainda bancava o clube. E essa mobilização a gente percebeu em 86. Que em 86 o União bateu na trave pra subir. Fez uma boa campanha, chegou no quadrangular final, aí chegou no jogo decisivo... Nesse quadrangular final empatou em tudo com o União Barbarense e não era no sistema que é hoje de quadrangular, subia dois e tal, tinha o regulamento da época. E chegou com o União Barbarense pra subir. Em 86. E... em 86 o União São João foi fazer um jogo neutro, o último jogo com o União Barbarense. Jogou aqui, jogou em Santa Bárbara e não deu pra decidir que ia subir. E esse jogo neutro foi em 86 no 'Limeirão'. E lá deu pra ver a mobilização da sociedade, do torcedor, lógico que com o apoio da usina. Apoio financeiro, de disponibilizar ônibus. Mas não adianta hoje você disponibilizar dez ônibus se não tem torcedor pra ir pra Limeira assistir um jogo.

E na época teve. Eu não tenho números, mas o Belotto fala muito disso, que **foi a maior carreata que já se viu de ônibus na história da Via Anhanguera**. Era um caminho de ônibus que começava em Araras e terminava em Limeira. De tanto ônibus que se tinha. Foi

pra esse jogo decisivo lá e o União perdeu esse jogo lá, pro União Barbarense. Inclusive foi o Celso Luis, que fez o gol da vitória, e o Barbarense subiu. Então já em 86 já se percebeu aquela mobilização em prol do time.

Aí em 87 entrou pra arrebentar. E como o torcedor tava com aquela... Nunca tinha tido um time na primeira divisão, em 86 bateu na trave, então o torcedor em 87 começou a incentivar e ir muito ao clube lá, no Engenho Grande. E eu ia. Eu era moleque e a Usina São João dava ônibus gratuito. Então tinha pontos da cidade que dava ônibus, e na minha época era lá no Parque Industrial, na divisa do Parque Industrial com o bairro Narciso Gomes. Eu lembro até hoje que era na Padaria do Carlão, que tem a padaria até hoje lá.

Então tinha lá, o jogo era três horas da tarde, tava lá uma hora, duas horas tinha concentração lá, aquele monte de gente e ônibus lá disponível. Montava no ônibus e ia pro estádio. E eu como era moleque fui incentivado a assistir o União São João pelo meu pai, meu irmão e meus tios que iam sempre. Mas, depois que fui aprender a gostar do União eu ia sozinho, mesmo sendo moleque. E quando ia sozinho eu não tinha dinheiro, Então o que eu fazia? Eu pulava o muro (risos)... E eu não escondo de ninguém, eu ia lá pra pular o muro. Quando eu ia com meu pai com meus irmãos, a gente pagava, né. Mas quando não tinha eu ia sozinho, entrava no ônibus com meus amigos, a gente ia, pulava o muro e assistia o jogo. Isso foi na década de 87 principalmente. Então em 87 foi aquela mobilização na cidade. A usina financiando e o torcedor correspondendo.

Você pode falar: Ah, tinha pouca gente, porque o estádio é pequeno. Mas o torcedor que tava lá era contagiante pra ajudar o time, lá no Estádio Engenho Grande.

DS: Aí você acha que perdeu essa identidade? O que aconteceu que hoje em dia a gente tem a impressão... o União tem a menor média de público geralmente. A renda também é menor. Apesar da cidade de Araras geralmente ser a menor entre as cidades dos clubes, mas você acha que é por isso que o público é pequeno?

CC: Ah, são vários fatores, né. Caiu de Araras, mas caiu de outras também. Eu to falando de 87 que houve uma coisa profunda, de paixão pelo clube. Teve isso. Mas se a gente contar no estádio, quanto cabia no estádio. Entendeu? Três mil pessoas? E se você pegar a média... Isso em segunda divisão. Se você pegar na década de 90, enquanto o União São João teve uma fase boa, fase disputando Série B, a média não fugia disso também. Duas mil pessoas, não era

muito distante. É que a gente tava no Estádio Hermínio Ometto que cabia 20 mil pessoas. Então você via poucas pessoas ali.

O União São João sempre teve muito torcedor em fase decisivas. Em 96, na final do brasileiro. Que, aliás, foram duas finais no mesmo dia... Foi o Paulista sub-20, ganhou do Novorizontino e depois a final. Mas é lógico que caiu [a média de público], mas caiu em todo lugar. Mas com certeza teve essa queda mesmo. São vários fatores, mas é fato que realmente teve uma queda do torcedor do União São João.

Mas são vários fatores, eu não sei relacionar hoje pra você. Às vezes descontente com a campanha do time. Porque em 86, 87, o time estava sempre em ascensão. Sempre. Em 86, 87, 88... 88 foi campeão brasileiro da série C...

DS: Era isso que eu ia te falar. Como foi essa campanha? Você acha que teve menos mobilização na Série C? O pessoal foi se acostumando com o time? Tinha expectativa?

CC: Olha, a Série C, eu pra falar a verdade, eu presenciei pouco. Não teve aquela mobilização que teve no acesso de 87. O brasileiro da Série C. Porque era um campeonato novo, seria mais ou menos como a Série D hoje. Não tinha a repercussão, tinha se criado há pouco tempo a Série C. Não tinha Série C no Brasil. Então o União São João foi disputando, depois foi indo nos mata-mata, e eu não me lembro das partidas finais do União São João, não acompanhei assim, tão de perto, então não teve essa mobilização toda na cidade não.

O União São João já tava com o apoio financeiro da Usina São João, já tava na primeira divisão do Paulista, já tava tranquilo, né? E foi disputando a Série C, não teve essa grande mobilização não. Tanto que tem dúvidas até hoje sobre regulamento da Série C, se o União São João era pra ser campeão ou não, da maneira que foi... troféu, se tinha que pegar o troféu, se tinha que esperar a CBF passar ou não...

O União São João acabou ganhando o jogo decisivo, pegou o troféu e foi embora pra casa! E esse troféu tá até hoje lá.

DS: Confuso?

CC: Exatamente, foi meio confuso esse brasileiro da Série C, até por parte da CBF mesmo, até por parte dos organizadores que não deixaram muito claro com relação a regulamento.

Mas de fato o União São João foi campeão. Da maneira que foi, dentro de campo, ganhando os jogos decisivos ele foi campeão.

DS: E teve alguma contestação em relação ao título?

CC: Não me recordo. É porque nessa época eu também era moleque ainda e eu não me recordo muito. Não estudei isso depois. Essas informações eu tenho porque a gente foi entrevistando pessoas, os próprios dirigentes do clube. Então não me recordo de nada oficialmente, de alguém contestando não.

DS: Você acha que o Roberto Carlos foi sorte, competência ou misto dos dois?

CC: Competência de quem? Do Roberto ou do clube?

DS: Do clube.

CC: Não, foi competência. Foi por que... Aliás, eu acho que o União São João está na situação ruim que está porque na investiu adequadamente nas categorias de base. E o União São João naquela época, quando ele subiu, ele já tinha uma categoria de base crescente. Então, ele, nessa época que o Roberto Carlos veio, por exemplo, o União não tinha a estrutura que tem hoje no Estádio Hermínio Ometto, com aquele Centro de Treinamento, lá em cima, mas criaram-se alternativas.

Ele fez uma parceria com o Oratório São Luiz, no Jardim Cândida, pra usar lá como categoria de base. Então as categorias que a gente chamava na época de juvenil, infantil, era tudo lá. Então jogador tinha casa alugada aqui pela região central, região do Cândida e a categoria de base muito forte. Então se tinha o Ladeira, que foi quem trouxe o Roberto Carlos, se tinha vários profissionais da categoria de base que trazia jogadores e fazia um trabalho, tanto que uma das melhores épocas do União São João foi no início da década de 90. 91, 92, 93... Por quê? Porque ele usou muito a categoria de base.

Mas pra você ter um jogador de categoria de base tem que fazer um trabalho muito forte. Alexandre, revelação do início da década de 90, Beto Médice, foi da época do Roberto Carlos. Então Roberto Carlos foi um desses jogadores, só que ele tinha um grande potencial e acabou se destacando. Mas ele veio de um grupo de jogadores sendo revelados e o União São João

aproveitando. Então não foi sorte, foi competência do clube em achar, em pinçar um jogador desse tipo. O Ladeira, vindo de Campinas, não me recordo agora se de Campinas ou São Paulo, tinha os contatos dele, era um olheiro, né, ficou sabendo do Roberto Carlos e foi ver o jogador. Viu o jogador e falou: “Vamos treinar no União São João”.

E ele trouxe. Então aconteceu isso com o Roberto Carlos e aconteceu com vários outros.

DS: Dizem que ele sempre estava uma categoria à frente, acima...

CC: O Roberto Carlos?

DS: É.

CC: Tava, lógico, pela competência dele. Isso não só com o Roberto Carlos. Qualquer grande jogador. Você pega um Neymar do Santos. O Neymar do Santos não foi disputar um Mundial Sub-17 com a Seleção Brasileira. Não foi por quê? Porque ele já estava acima. Ele tava com 17 anos, poderia disputar o mundial e não foi por quê? Porque ele estava um grau acima, falaram “não, vamos preservá-lo, vamos deixar ele no sub-20”.

Então é normal de um jogador desse tipo. O Roberto Carlos veio com 16, 17 anos, estava aqui, ele sempre foi uma categoria acima. Foi convocado para a seleção de base do Brasil. Com 17 anos já era titular do União São João, depois foi convocado pra seleção sub-20 pré olímpica, sendo titular do União São João, isso é verdade.

DS: Ele foi convocado para a seleção principal estando aqui?

CC: Principal... Eu acho que não, acho que quando ele se destacou como seleção foi no pré-olímpico, foi aquela época do... União São João tem bastante foto lá, foi um jogador que disputou o pré-olímpico e não classificou. Foi na época do Cafu... Grandes jogadores e uma seleção muito forte. Disputou o pré-olímpico e não se classificou. Isso foi em 92, 93... Ah tá. Foi em 91, que foi pra olimpíada de Barcelona, a olimpíada de 92. O Brasil não se classificou. Tinha uma grande seleção. Então o União São João colocou o Roberto Carlos no cenário nacional, primeiro nas categorias de base da seleção, depois nesse pré-olímpico. Nesse pré-olímpico o Roberto Carlos ficou conhecido. “O, puta jogador bom hein”. E aí ele voltou do pré-olímpico, mas como titular.

DS: Como foi o acesso à Série A em 92? Aliás, em 92 teve um ‘rolo’ que não teve a segunda divisão, mas como se fosse segunda divisão do Paulista, teve um acesso, não é?

CC: Teve. Então vamos lá. Paulista e Brasileiro. É, deixa eu lembrar o ano. Em 1991 teve uma divisão da Federação Paulista, não me recordo se era verde e amarelo, alguma coisa parecida com isso. Deixa eu lembrar porque tem a ver com o título do São Paulo em 1991.

Em 90, a Federação já ia fazer uma divisão para os clubes em 91. Mas isso é fato. É uma informação que você pega em qualquer site de federação que você vai entender.

Você pega assim, ó [entrevistado pegou um papel para fazer um esboço]. Em 90 dividiu. Em 91 o União São João caiu nessa série menor. Mas era primeira divisão, não era segunda divisão. Então por isso que o União nunca caiu durante 18 anos. Porque oficialmente pra Federação, era Campeonato Paulista da Primeira Divisão. E essa primeira divisão tinha séries. Módulo verde e amarelo. Deve ser isso.

Em 90 o União foi para esse módulo menor em 90 junto com o São Paulo. O São Paulo não conseguiu classificar para esse módulo maior. Tanto é verdade que em 91, União São João e São Paulo disputavam esse módulo aqui e o São Paulo foi campeão paulista geral. Porque? Porque enquanto o módulo maior que eram os times grandes ficava disputando, como o São Paulo tava nesse módulo menor, a Federação Paulista... Que a federação não queria que o São Paulo caísse. Então ela inventou um regulamento que uma vaga pra chegar nas finais seria desse módulo menor. Então o São Paulo foi um dos classificados desse time menos mais os times grandes lá. E o São Paulo foi campeão paulista em cima do Corinthians.

Só to falando isso pra você entender que o União São João tava nesse módulo menor, mas era primeira divisão. Então isso em 91. Em 90 decidiram essa divisão, 91 foi o primeiro ano.

DS: Foi um esquema parecido com aquela Copa João Havelange? Que fizeram pro Fluminense não cair né?

CC: Aconteceu em 92, no brasileiro que vou explicar pra você. To falando do paulista pra você entender. Você entendeu que em 91 foi desse jeito? Aí em 92 o União São João disputou de novo esse módulo e não subiu de novo. Preciso confirmar, mas acho que em 93 ele subiu. Aí ele voltou a ficar nesse módulo maior, mas nunca caiu, nunca teve queda. Esses times

sempre foram da primeira divisão porque tinha acesso, tinha vaga pra disputar o título, então não era segunda divisão.

Em 93 o União São João subiu e aí a Federação Paulista parou de inventar moda e pra falar a verdade isso foi conversa pra boi dormir, não é? Parou de inventar moda, teve a divisão certinho e teve primeira, segunda e tudo mais. Então foi isso que aconteceu. O União São João disputou dois anos desse módulo, não sei se é amarelo ou verde... Qual era o menor, mas disputou o menor e foi a melhor época do União São João, na minha opinião, melhor época do União São João foi no início da década de 90 que ele tinha uma categoria de base muito forte, contratou jogadores muito bons, então sempre teve times bons.

Então de 91 a 92 ele disputou essa série menor e em 93 ele voltou a ficar entre os grandes. Aí do brasileiro aconteceu algo parecido. Em 91, isso também é fácil você pesquisar, em 91 o Grêmio caiu do Brasileiro. Então “pô, o Grêmio caiu, vamos trazer ele de volta”. Sempre tinha virada de mesa, tapetão nessa época.

O que eles fizeram? Em 92, o brasileiro da Série B classificava 12 pra subir. Doze acessos! Doze acessos pro Grêmio voltar, na verdade erra isso. E o União São João foi no embalo. Porque ele tinha um bom time, uma boa estrutura, disputou esse brasileiro de 92 e conseguiu, por isso que hoje você escuta o União falar de façanha e combinação de resultado. Porque em 92 foi a maior combinação de resultado que o União São João teve em sua história. Ele chegou na última rodada, disputando o brasileiro lá, no grupo dele, ele chegou na última rodada precisando ganhar do Noroeste, em Bauru por dois gols de diferença e torcer por outros dois, três resultados que não eram muito esperados.

Tipo Coritiba perder em casa, Juventus perder também... Um monte de combinação. Essa informação também não tenho agora na mão, mas acho que é fácil você achar.

E o União São João foi pra Bauru, ganhou de 2 a 0 lá... Roberto Carlos, Eder, Aleixo no time do União São João, um grande time. Aliás, pra mim um dos maiores times do União São João foi esse aí de 92. Velloso... E conseguiu o acesso. Pensou, “beleza né, o União São João vai subir pra primeira divisão”.

O que a CBF fez? Hora que definiu os doze – doze, mais os 20 que estavam na primeira divisão – ela olhou quem estava na primeira, falou: “opa, não quero não o União São João na primeira”. Aí ela fez mais módulos. Aí colocou Grêmio, lá em cima, no módulo principal, e o União São João, o Portuguesa da vida, no módulo menor. Fez a mesma coisa do paulista. Então União São João não teve aquele gostinho, em 93... oficialmente ele teve o acesso, mas ele não teve o gostinho de “Pô, em 93 vou pegar Vasco da Gama,

Flamengo, aqui no União São João, Inter de Porto Alegre, Palmeiras, Corinthians, pelo brasileiro. Não teve esse gostinho, porque a CBF jogou ele pra um grupo menor de novo. Aí ele ficou lá disputando. 93, 94, esse grupo menor. Aí a CBF dividiu em Série A, Série B. Aí acho que foi em 95. Acho que em 95 a CBF fez essa divisão. O União São João não tinha essa força política e era um time pequeno, então ele não pôde chegar lá naquela primeira.

Mas o União São João disputou a Série B em 96, né. E aí ele ganhou por direito de um regulamento que a CBF definiu e não tinha como voltar atrás. Aí não tinha mais virada de mesa. Então em 96 ele foi campeão e em 97 a CBF não tinha como jogar ele de escanteio. Que já estava definido o número de clubes. Acho que eram 24 clubes, e aí ele disputou de fato uma primeira divisão enfrentando Vasco, Flamengo, ida e volta contra todos esses times aí.

DS: O time subiu, enfrentou times fortes. Dava um bom público? O pessoal aqui em Araras esperava que o time subisse? Esperava o título da Série B?

CC: Em 96, né? Porque em 97 é outra história. Em 96 foi um grande time, uma grande participação do público. Presença limitada do torcedor, mas dentro dos conformes. Porque? Se você pega em média de população, de participação de população em torcidas se pega...

Aqui no interior o que a gente vê de grandes torcidas? São de times fanáticos! Se pega Ponte Preta, Guarani, XV de Piracicaba... Não passa disso. Não passa disso.

Você pega Botafogo de Ribeirão Preto. Uma baita cidade como Ribeirão Preto. Aí você pega o Botafogo disputando uma Série A2, uma Série C de brasileiro, tem quanto de público? É mil pessoas! Duas mil pessoas. Não passa disso. Então quem tá errado acho que é Ribeirão, de não ter um apoio maciço a um Botafogo, ao Comercial. Que é uma grande cidade. Nós estamos falando de União São João numa cidade de 100 mil habitantes. Em porcentagem, se você tem a média na época era de mil pessoas. Acho que tava bom!

Se você dividir pela população o número de torcedor... mil pessoas, pelo... É que o estádio é muito grande. Dava a impressão de que o estádio tava vazio, fica disperso, dá impressão que tem público pequeno.

Se você pegar Bragança Paulista é a mesma coisa. O Bragantino está na primeira divisão do Campeonato Paulista e na segunda do brasileiro, um grande campeonato. Vai ver a média de torcida. É pequena!

Então não vai acontecer: “Ah, um dia o União São João vai ter cinco mil pessoas”. Não vai acontecer nunca.

O que vai acontecer é o União São João chegar em campeonatos importantes como é a final da Série A2 e lá ter uma média de três mil pessoas. Só. Mas na primeira fase não vai ter também. Porque? Porque o torcedor acabou ficando mal acostumado nesses cinco, seis anos disputando Série A2 e chegar no quadrangular e não subir. Então na primeira fase do paulista ele já nem quer mais ficar assistindo. Ele quer o quadrangular. Só que chega no quadrangular, o União toma pau na primeira rodada, aí desanima de novo.

Então voltando isso aí, da Série B que você falou. Eu acho que foi normal. A participação do torcedor não foi como em 87. Por quê? Porque em 96 o União São João já tinha vida própria. Já era clube-empresa e a Usina São João já não fazia mais parte do clube. A usina já tinha vendido o União para o José Mário Pavan e o Iko Martins. Então já era tido... Foi um dos principais problemas enfrentados pela diretoria do União São João depois de 94, quando a diretoria da usina saiu. Porque ficou na cidade aquele negocio: “Ah, o União São João é um clube de dono”. E é, na verdade é. E não adianta o Zé Mario falar que não, porque é. Só que a gente também tem que entender que o Zé Mario Pavan faz de tudo para que esse clube tenha a cara da cidade. Mas que ele é dono é e acabou. Ele que manda, ele que decide. Não tem quadro de associados que vai lá e elege o presidente. Então eu acho que essa queda de torcedores da década de 90 pra cá do União São João... Eu tinha falado que eram vários fatores, esse é um dos principais.

DS: As pessoas no Brasil talvez não estejam acostumadas a clubes com dono?

CC: É, o União São João é meio diferente. Se pega uma Ponte Preta, um Guarani, tem clubes sociais por trás disso. XV de Piracicaba tem um clube social também e tal. O União São João não tem um clube social, que o torcedor vá lá, compareça, vai na piscina, vai jogar um futebol de final de semana e que cria aquele amor pelo clube. O União São João é uma instituição que é só futebol profissional. É diferente, por exemplo, se tivesse futebol profissional na Associação Atlética Ararense, se tivesse futebol profissional no Sayão Futebol Clube, que é um clube de massa. Você pega e tem dez mil associados no Sayão. Imagina se o Sayão tivesse disputando uma quarta divisão do campeonato paulista hoje. Daria uma média de 500 pessoas em jogos do Sayão Futebol Clube. Então, voltando aí sobre média de público da Série B, é isso. O torcedor ficou com um certo receio em se doar para o clube sendo que o clube tinha dono. Mas o Zé Mário e o Iko não tinham culpa disso, eles fizeram isso por uma questão de

negócios, em comprar, porque senão o clube ia fechar. E eles pegaram, mas eles pagaram o preço por isso. Por isso teve essa queda.

Mas a participação do clube foi muito boa em 96 e do torcedor também não deixou a desejar não. Fez a parte dele, chegou numa final legal contra o Náutico, aqui em Araras, fez um quadrangular final legal e acabou subindo.

DS: E teve nesse dia outro jogo né? Final do paulista sub-20?

CC: É, foi o paulista sub-20, foi o primeiro título do União São João no Paulista Sub-20. O União já estava fazendo boas campanhas no sub-15 que era infantil na época, sempre chegando nas fases finais, aí foi a primeira vez que chegou no sub-20 que é a principal. E no sub-20 era o Play Freitas que era o treinador do sub-20 e era tipo um quadrangular também e aí chegou no jogo decisivo contra o Novorizontino aqui em Araras.

Aí puxou no mesmo dia e foram duas finais. É inédito isso, duas finais. Ganhou do Novorizontino e empatou com o Náutico, que o empate já dava o acesso ao União São João.

O time de 96 foi um grande time também naquela época. Aliás o Reinaldo, atacante do time do União que era da categoria de base, ele jogava o paulista sub-20 que foi campeão e jogava no profissional, jogava nos dois. Então o Lula Pereira que era do profissional, as vezes tirava do sub-20 num jogo decisivo pra usar ele no profissional. Aí quando dava, por datas, ele jogava no sub-20. Então, o Reinaldo... To falando isso porque o Reinaldo, depois que o União São João foi campeão em 96, foi a maior venda em termos de valores. Eu acho que depois ele foi ultrapassado pelo Danilo, quando o Danilo foi vendido pelo União para o Monterrey, em 99 ou 2000, mas o time na época o União São João vendeu ele por 1 milhão e 800 mil dólares ao São Paulo, enquanto que em 4 anos antes, em 92, 93, tinha vendido o Roberto Carlos por 500 mil reais para o Palmeiras. Foi a maior revelação, mas foi o menor lucro que o União São João teve. E o Reinaldo foi, nossa, 1 milhão e 800 mil. Foi a época boa de aquisição de jogadores, tipo 95, 96, 97, 98... Todos os clubes viram por quê? Porque a Era Parmalat chegou e inflacionou o mercado. E ela comprava o Edmundo, comprava o Zinho, comprava o Edílson, comprava todo mundo, e os adversários começaram a ter que fazer isso aí também.

Então o São Paulo comprou o Reinaldo por 1 milhão e oitocentos. Não estourou como a gente esperava ele estourar no São Paulo, mas foi um bom jogador e o União São João teve um grande lucro. Isso em 96.

Mas um dos principais jogadores de 96 além do Reinaldo foi o Borges, camisa dez. Falta no meio de campo ele guardava! Falta ali na beira da área ele guardava. E em jogos decisivos ele foi fazendo os golzinhos dele.

DS: Porque você acha que tem essa rivalidade com o Mogi-Mirim?

CC: Só um detalhe: em 96 foi o ano também que o Lica jogou no time, e eu presenciei isso. Hoje o Lica trabalha ali no Sayão Futebol Clube, é técnico dos meninos do Sayão. O Lica era o capitão do time. E ele mostrava muita garra. Além de ser um bom jogador, um baita de um zagueiro, chute fortíssimo. Jogo decisivo também, chute forte! Ele mostrava muita garra para o torcedor e ele é ararense. Então cada gol, cada vitória ele subia no alambrado e isso contagiava o torcedor. Torcedor vibrava por causa disso. E é o que eu não vejo hoje nesses cinco campeonatos paulistas que o União não subiu. A gente infelizmente vê um time de aluguel. É um time que o cara vem aqui, faz um contrato de três meses. Ganhou não ganhou, ele vai embora e acabou. Ele não tem aquela paixão pelo clube, ou pela cidade ou pelo torcedor. Então por isso que sobe, por isso que consegue uma conquista. Porque tem aquela paixão e o Lica tinha isso. E ele como capitão fazia isso acontecer no clube. Então eu tinha que falar isso que era muito importante.

Então, você falou do Mogi né?

DS: Isso.

CC: É o principal rival. Se bem que hoje, se você pegar em números, o União São João tem um tabu muito maior com o Botafogo de Ribeirão Preto. E num ganha dele acho que faz dez anos.

DS: Então, ultimamente vai lá pela Série A2, e sempre voltava a história do tabu, porque não ganhava lá do Botafogo, mas o pessoal fala muito mais do Mogi né?

CC: É isso é fato, não tem como discutir. O Botafogo é que tem essa rivalidade de um tabu grande, mas a rivalidade maior é com o Mogi-Mirim.

(telefone toca e entrevista é interrompida)

(volta à entrevista após a interrupção – parte 2)

CC: Então você falava do Mogi?

DS: Isso. Você sabe por que tem a rivalidade?

CC: Não... É porque é assim, é meio até lógico. Com o Rio Branco de Americana também tem essa rivalidade. Não tem com o Rio Claro. Por quê? Porque não se cruzou. O Mogi tem, e é real, é lógico que é por vários fatores. Mas o principal é porque o União e Mogi começaram uma ascensão juntos. Então toda vez que tinham campeonatos importantes assim, os dois estavam sempre se cruzando em jogos importantes e decisivos. Não teve isso com o Velo, não teve isso com o Rio Claro, que são vizinhos. Por quê? Porque o Velo e o Rio Claro ficaram sempre em divisões menores e a gente sempre em cima. Por isso não tem essa rivalidade.

Inter de Limeira também teve pouco. A Inter sempre foi um grau superior em relação ao União São João em termos de divisão, e o União La embaixo. Já com o Mogi não, porque? Porque o União disputou a primeira, começou a disputar a divisão de acesso, acho que foi em 84, 85, e o Mogi também. Então os dois começaram a se digladiar ali em busca do acesso. Em 84, 85, 86... Aí em 86, aí depois que subiu em 87 e começou a disputar em 88 a primeira divisão do paulista, o Mogi também, então eles sempre se cruzaram. O União São João ficou dezoito anos na primeira divisão e o Mogi também. Então são próximos, e clubes do interior, sempre disputando jogos decisivos.

Aí você tá, acho que um dos principais confrontos em década de 90, em 92, 93, principalmente em 92 o Mogi montou um timaço, que era o Carrossel Caipira, era Rivaldo, Leto e mais um jogador. Era um trio de atacante ali que arreventava. E o União São João também tinha um time bom. Era Alexandre, Beto Médice, Batistinha... Então eles se encontravam sempre e dava cada 'jogaço'! Eram jogos maravilhosos porque era um time de qualidade. Jogavam em Araras, não tinha favorito. O Mogi vinha aqui, ganhava aqui. O União São João ia lá ganhava lá.

DS: É, aconteceu isso na década de 90, acho que em 96 mesmo?

CC: Esse jogo que eu ia falar. Antes de 96, já se encontrava vários exemplos. Por exemplo, naquele paulista que eu citei pra você, paulista de 91 e 92 que o União São João e Mogi ficaram no módulo amarelo, que era o menor, lá que tinham os bons times. É naquela época lá

que o União e o Mogi tinham bons times. E ali que eles faziam bons jogos, a rivalidade começou a crescer ali no início da década de 90. Principalmente com Rivaldo. Eu vi Rivaldo jogar aqui com o Mogi Mirim. Um baita de um jogador. Ele que decidia.

Então foi criando essa rivalidade. 93, aí depois subiram de novo, eles foram para o módulo maior 94, 95, sempre disputando jogos decisivos no interior. Disputaram até, o União São João disputou até Torneio Rio-São Paulo. Também tem isso. Isso é fácil buscar. É só você buscar lá que você acha. Foi nessa época 93, 94... Era Torneio Rio São Paulo, era quatro grandes de São Paulo, quatro grandes do Rio. Aí eles abriram, fizeram porque estava aquela bagunça do brasileiro. Porque o brasileiro era... Não era o formato que é hoje o ideal. Primeira divisão 20 clubes, segunda divisão 20 clubes, terceira divisão vinte clubes.

Era uma baderna! Tinha 40 clubes. Então não tinha acordo muito com os clubes. E o Rio-São Paulo sempre existiu no início do ano, que é tipo um torneio de verão. Então colocaram quatro clubes a mais do Rio e quatro de São Paulo E o União São João foi um deles. União, Mogi-Mirim, Ponte Preta, você entendeu?

Era o União São João que era o São Caetano da época. No interior de São Paulo era Guarani, Ponte Preta e União São João que eram os fortes da época. E o União São João disputou o Rio São Paulo com Mogi-Mirim e tudo mais. E aí chegou 96.

O principal jogo para União São João e Mogi-Mirim. Porque eles participaram de um campeonato brasileiro da Série B. Mogi veio aqui [em Araras] e ganhou de 1 a 0 do União. União foi lá precisando ganhar de um pra levar para os pênaltis. Ele ganhou de um e levou para os pênaltis. Nesse jogo inclusive o Ararinha invadiu o campo, e tal. Foi o maior jogo do União São João. O maior embate entre os dois clubes. E o União São João conseguiu classificar lá dentro de Mogi-Mirim. Aí a rivalidade cresce ainda mais. Isso em 96.

E aí continua em 97, 98. Foi por isso. Foi por esses motivos.

DS: E no paulista até dois mil e pouco né?

CC: Isso, até 2005 com o União São João.

DS: Uma coisa mais subjetiva: O que você acha que o União representa para Araras?

CC: Eu acho que é o cartão postal da cidade! O grande embaixador. Infelizmente não é todo mundo que pensa assim. Principalmente os dirigentes políticos de Araras. Mas é o principal.

Principalmente nessa década de 90, que pra mim foi o auge do União. Sempre foi o embaixador da cidade. Hoje, nem tanto, mas o nome do União São João já está constituído. Hoje não disputa brasileiro, no paulista tá na segunda divisão, mas o nome do União é muito forte. Era comum quem viajasse que trabalhava fora, respondia: de onde você é? De Araras. Ah, do União São João né? Era comum isso. Então, essa representação. E tudo isso. É o principal embaixador da cidade de Araras. Infelizmente não é como deveria ser respeitado, mas voltando, porque não é tão respeitado? Os dirigentes do União São João estão pagando o preço por ele ser um clube particular. Esse fato de ser um clube particular acabou afastando muita gente.

E algumas atitudes da diretoria, eles também pagam por isso, ou culpa deles de serem muito fechados. Fecham a porta.

Hoje não, hoje o União São João, hoje o Zé Mário Pavan caiu a ficha que ele tem que abrir as portas. Mas demorou 20 anos. Se ele tivesse feito isso na década de 90 e abrir as portas dele para a sociedade, tipo “venha, participe, vamos trabalhar junto, venha que o clube é de todo mundo”, ele não fez isso. Ele fechou as portas.

Iko Martins e José Mário Pavan. O Iko é um dos principais também viu? O Iko, aliás, os dois, o Zé Mario e o Iko, o Iko era o que mais queria fechar a porta.

DS: Ao invés de tentar identificar o time com a cidade?

CC: Eles não fizeram isso. E tão pagando até hoje por isso. Tem esse distanciamento. Você pega pouca empresa querendo patrocinar o clube. Você pega uma Rivera [empresa de móveis da cidade de Araras], que faz isso por amor, porque gosta do clube, gosta do Zé Mário, a Rivera sempre patrocinou, mas o restante...

Você acha que uma Nestlé não era pra estar patrocinando? Era, mas ela... O clube fechou as portas e ela não tem interesse em entrar. Aconteceu muito isso. Então eles estão pagando muito por isso.

DS: Muitos me perguntam, agora até me lembrei disso porque pessoas, em Viçosa, por exemplo, me falam que estranham a Nestlé não patrocinar. Aconteceu de patrocinar, na década de 90, mas foi uma vez e depois nunca mais não é?

CC: É, foi.

DS: A Nestlé até tem um vínculo com a cidade. A própria empresa propaga isso. O presidente da Nestlé [Ivan Zurita, presidente da Nestlé do Brasil] é ararense, e a Nestlé do Brasil começou aqui em Araras. Então seria uma ação interessante para o clube, mas...

CC: Hoje, a diretoria do União torce pra que aconteça isso. Mas ela não tem tanto argumento de chegar na Nestlé para fazer esse pedido. Até faz o pedido, mas não há esse acordo. Mas volto a dizer. Está pagando o preço por ser um clube particular. Eles não tem culpa, mas estão pagando por isso. É um clube particular? Então se ta pagando a consequência por ser um clube particular

DS: Se acha que pode ser um problema por ser um clube que elitista entre aspas? Não elitista, mas começou de cima para baixo. Afinal começou na Usina, mas começou com um dono já E foi criado porque [a família] Ometto resolveu criar um clube na cidade, mas com isso também foi enfraquecendo os clubes que tinham mais identificação com o pessoal. Isso pode ter contribuído?

CC: Eu concordo com isso em relação a torcedor. Identidade do torcedor com o clube. Agora, com um possível patrocinador não. Não tem nada a ver. Que o patrocinador ele entra por questão financeira comercial mesmo. Não interessa de quem é o clube. Se o clube for interessante pra divulgar o produto dele na camisa ele vai fazer o patrocínio e acabou. Mas com relação a torcedor, isso que você falou tem muito a ver!

Eu fiz um trabalho na... Eu fiz um curso de especialização de jornalismo esportivo na Unicamp, em 97, 98. E o meu trabalhinho de encerramento do curso, não digo que é, porque não é uma monografia. Eu conto um pouco da história do futebol de Araras. Então fiz algumas entrevistas sobre a história do União São João e cheguei a essa conclusão. Que o clube Usina não tem tanta paixão, o torcedor ararense não tem tanto essa paixão porque é um clube que nasceu de cima pra baixo e não de baixo pra cima. Se pega o Sayão Futebol Clube, nasceu de baixo pra cima. A Associação Atlética tem uma historia dela que nasce de baixo pra cima. Atlético, é o maior exemplo disso, tem uma história toda que começou lá de baixo pra cima. É um clube que nasceu em bar, no Jardim Fátima, entendeu? E chegou a disputar uma terceira divisão do campeonato paulista. Então se o Atlético, que era o Galo, tivesse aqui hoje, talvez ele teria mais torcedor que o União São João.

Mas não queira comparar, não há comparação. Não pode comparar. União São João é futebol profissional, o restante foi tudo amador. Não pode ter essa comparação. O Zé Mario fala muito isso e aí concordo com ele. Esquece: Comercial, Associação Atlética Ararense da época, Sayão, Associação, Galo, era amadorismo.

DS: O projeto de começar o União era profissional, não?

CC: É, em 81 era profissional. Lá atrás foi amador, na década de 50 foi amador. Assim como era Atlético e como era Comercial e Associação. Em 81 na fundação foi como profissional, então União São João é profissional.

Então voltando, que começou de baixo pra cima o que aconteceu? Foi criado pela Usina São João, tem raiz na década de 50 que é formado pela Usina São João, mas ao mesmo tempo você tinha torcedor também. O cara da usina São João também era funcionário da usina São João, também tinha aquele amor com o time da usina.

E olha só que curioso. O Hermínio Ometto tentou fazer uma fusão entre União São João, Comercial e Associação Atlética Ararense. Isso na década de 50. Por quê? Porque ele estava vendo que estava todo mundo em Araras se digladiando. A rivalidade entre Comercial e Associação era muito grande só que os dois não tinham mais perna, não tinha mais gás, financeiramente eles não tinham mais como suportar.

Ao contrário do União São João, que não tinha essa história, de clube de futebol, mas tinha a paixão pelo futebol em si e tinha interesse financeiro em patrocinar. Então ele fez uma proposta para a Associação e para o Comercial pra fazer uma fusão dos três. Os dois não toparam e aí continuaram do jeito que foi.

Aí o que a Associação Atlética fez? Ela optou – isso tem tudo a ver com o União São João – ela optou em fazer um investimento na área social do clube, porque sempre foi Estádio São Joaquim, que é Associação Atlética. O estádio São Joaquim era um dos principais estádios de Araras. Era estádio São Joaquim e estádio Joel Fachini. É onde tem o “bambual” que a turma fala ali, na associação Atlética. Então a Associação resolveu parar com o futebol, que na época falava futebol profissional e era quase profissional, porque investia mesmo, trazia jogador de fora. De São Paulo, muitos jogadores importantes da Associação e do Comercial vieram de fora, jogaram e ficaram morando em Araras. E estão aqui até hoje. Vieram há 40 anos e constituíram família.

Então a Associação investiu no clube social, que foi a primeira piscina de Araras, por isso que o povo chama de Piscina, porque foi a primeira piscina de Araras. E abandonou o futebol profissional. E aí cresceu e é um grande clube que é hoje.

O Comercial não fez nada, não fez nem a fusão com o União São João e não investiu no social, o que aconteceu com o Comercia? Morreu! O clube existe, mas só no papel, que é um clube que ficou com o Estádio Joel Fachini, mas não investiu no social, não investiu no futebol. Hoje tem uma escolinha lá que chama “Projeto Ser Criança”, que na verdade fez fusão com o Atlético. A escolinha só existe porque fez a fusão com o Atlético. Então foi isso. O União tentou fazer fusão, na década de 50 e não conseguiu. Aí parou o futebol no União. Final da década de 60, 70, parou. E quando voltou, voltou para o profissionalismo. Enquanto a Associação resolveu investir nos quadros sociais e o Comercial não fez nada. Essa é a história mais ou menos.

DS: E o Ararinha, o que você acha que ele é para o União?

CC: O Ararinha foi um grande presente para o União São João e para a cidade. Ele não é de Araras, ele veio pra cidade, você vai pesquisar isso e você vai ver. No livro dele você vai saber. Então se já sabe que ele veio pra Araras por uma questão de doença que ele tinha que estar num lugar mais tranquilo, e o legal é que a história dele começou lá na categoria de base do Oratório São Luiz. As visitas dele ao União São João. Ele, como morava no Cândida, ele ia ver os treinos do União São João lá no Oratório. Foi lá que criou o Ararinha e o vínculo com o União São João. Foi a época do Roberto Carlos, entendeu? Então ele indo lá no alambrado, assistir o União São João, ele começou a criar o amor pelo clube, pela categoria de base, e aí ele começou como torcedor. Eu acho que foi um grande presente pra cidade e pro União São João. Porque ele eu acho que foi um símbolo. E mérito dele. Era uma pessoa muito simpática, muito humilde que estava presente sempre no estádio, ia ao treino, ia dar força para os jogadores. Eu tenho uma admiração muito grande por ele.

Ele vinha aqui na redação [do Jornal Tribuna do Povo]. Ele cumprimentada as pessoas. Sempre trajado de Ararinha. Ele gostou né? E é legal que foi uma coisa meio de marketing, não por ele, não foi criado por ele, mas alguém criando esse personagem e ele adorou. Eu lembro, eu até falei no Opinião Jornal, em 92, foi a época que o Ararinha tava crescendo.

E se você falar do Ararinha é importante você citar o autor das tirinhas do Ararinha, o Pestana. E quando eu trabalhava no União tinha a tirinha do Ararinha. Quem pagava isso era a

Sbarro. Sbarro autopeças. E então, essas tirinhas iam pra mim. Não tinha internet, então chegava tirinha em papel, no envelopinho, que o Pestana fazia, e a Sbarro autopeças é onde é hoje avenida José Ometto, aquela que vai pra Usina São João, aquela que você chega ali no bar da forquilha do Fátima, você pega a direita e vai sentido Uniararas, do lado direito ali, antes do Rodini, do lado direito tem uma igreja enorme, não sei se você já viu, antes do Rodini. Onde era o Bingo. Lá é uma igreja [Igreja Batista], é uma das principais autopeças de Araras, chamava Sbarro autopeças. E a Sbarro era a patrocinadora, então eu to falando bastante da Sbarro porque eles colaboraram para que o nome Ararinha crescesse em Araras. Porque eles patrocinaram uma tirinha e essa tirinha saía com frequência no jornal Opinião, e aí o torcedor começou a gostar do Ararinha.

A tirinha falava né, que ele deixava a mulher de lado e ia para o estádio, tudo pra ele era União São João, tudo pra ele era o futebol. Então criou essa raiz em 92, 93, por causa da tirinha do Pestana. E aí a partir dali o Ararinha se vestiu mesmo...

(telefone toca e entrevista é interrompida novamente. Entrevistado teve que sair)

(entrevistado volta à entrevista após cerca de trinta minutos – parte 3)

DS: A gente tava falando do Ararinha, e acho que já até terminou, não?

CC: Do Ararinha era aquilo mesmo, foi um presente que Araras ganhou e o União São João ganhou. Ele foi muito representativo pra cidade, e isso aí também, na prática, além dele cativar o torcedor ararense, ele também era um representante de Araras quando o União ia jogar fora. Então você via, quando o União ia jogar contra times da região assim, e não tinha torcedor, mas o Ararinha ia. Então ele ficava lá, sozinho, quietinho. Tem lugar que ele era desrespeitado, mas na maioria das vezes respeitavam ele. “Olha o Ararinha”, já conheciam da televisão... Era um representante da cidade né? E a morte dele foi uma perda muito grande para todo mundo.

DS: Naquelas caixas que te falei [guardados do Ararinha] tem uma infinidade de correspondências que ele trocava com um rapaz da torcida do Atlético Mineiro. Não me lembro o nome da torcida, acho que era “Os intocáveis”, algo assim. Contando histórias e tal. Eu nem sabia que ele tinha essa proximidade com outros torcedores.

CC: Eu também não sabia. Agora, aqui no estádio era legal porque ele gostava de se aparecer também. Que ele usava o personagem no dia-a-dia, porque ele já era aposentado e tal, e ele gostava de aparecer sempre no jornal, em alguma matéria, de uma forma bem humilde. E lá no estádio ele assistia ao jogo, ali na arquibancada, na parte de baixo, e lá embaixo não sei se você sabe, a hora que termina o jogo da arquibancada tem uma mureta e essa mureta deve ter uns 10 centímetros, ou 12. E ele ficava em pé lá. Então ele parecia um bambu, ele era magrelo né, ficava que nem um bambu balançando e a turma dizia: “O Ararinha, vai cair daí” e então ele ficava lá.

Acho que ele calçava 44, porque não é possível, que era uma lancha que ele tinha. Então ele ficava em cima da mureta e ficava gritando, conversando, xingando. Ele adorava xingar o juiz, o que era engraçado, porque a torcida aqui gostava dele e ele lá embaixo, parecia uma vareta pendurado na mureta.

DS: Até os dias que eu ia eu vi ele assim, lá na mureta. Ele foi até morrer né? Aliás, você sabe o porquê da morte?

CC: Não, precisa ver no registro, mas deve ter sido uma morte natural, que ele já tinha problema de coração, tanto que ele veio morar em Araras por causa disso. Ele já tinha muito problema de saúde, e acabou partindo mesmo.

DS: É a última agora. Como você definiria a história do clube?

CC: Essa é a mais difícil. Ah... Às vezes eu posso ser suspeito de falar, porque eu sou torcedor fanático do União São João. Além de profissional de imprensa que eu acompanhei de 92 pra cá o União São João como profissional de imprensa, eu sou torcedor fanático. Eu sempre fui torcedor do Palmeiras, sou até hoje, mas hoje é difícil se ver um cara que torce para o União São João e pro Corinthians, pro União e pro São Paulo, pro União e pro Palmeiras. É difícil você ver um torcedor desse tipo que torce mais para o União São João do que para o time dele. E eu sou desse tipo. Eu torço mais pro União do que para o Palmeiras. E olha que sou fanático por futebol e gosto muito do Palmeiras. Mas sempre torci mais para o União São João do que para o Palmeiras. É raro você ver isso para qualquer torcedor de futebol.

O cara torce para o Palmeiras ou São Paulo, ele dá preferência para o Palmeiras, para o São Paulo. Se vier o time aqui ele vai lá torcer para o time grande. Então talvez eu seja suspeito de falar por esse motivo. Eu sou torcedor fanático do União São João e sempre vou ser.

Agora a história do União São João é um pouco diferente do que é a maioria da história de um clube de futebol. Primeiro é um clube novo. 1981... Vai fazer 30 anos. É muito raro você ver um time com essa pouca idade estar disputando campeonatos profissionais. Algumas exceções, como Grêmio Barueri, esse Guaratinguetá que tá aí, que agora o Grêmio Barueri é o Prudente. O São Caetano, também criou né? Porque a maioria desses clubes foi criada para um rendimento financeiro. Uma empresa. O Monte azul... Apesar de que o Monte Azul tem uma história de clube também!

Então, o União São João não foi criado para a Usina São João ganhar dinheiro. Na verdade a Usina São João criou e gastou muito dinheiro com o União. Mesmo sendo ele muito novo eu acho que ele tem uma boa torcida. Se ele fosse mais... Com uma história de cinquenta, sessenta anos eu acho que ele teria vivido outras épocas de um paulista da terceira divisão da década de 60, 70 e talvez ele tivesse um pouco mais de história, uma outra geração estaria torcendo mais pra ele.

Eu talvez seja da geração inicial, vivo ainda. Porque eu comecei a torcer na década e 80 e é quando o clube surgiu. Então não tem uma geração que tá indo embora, só a geração do meu pai, que também era torcedor naquela época e hoje ele tá com sessenta e poucos anos.

Então eu resumo a história do União São João como uma história muito bonita de uma dedicação muito grande da família Ometto. Não tem como você desvincular isso. Porque se fosse qualquer empresário, qualquer da cidade aqui montando um time era uma coisa. Mas partindo da família Ometto, principalmente do Hermínio Ometto, que foi um benfeitor para a cidade de Araras, desde a década de 80. Ele foi prefeito, ele doou coisas para a cidade. É lógico que ele foi beneficiado também. Por ter uma usina de cana-de-açúcar ele acabou beneficiado da cidade, mas ele nunca se omitiu do município, ele sempre se doou. A creche, a Emei Hermínio Ometto hoje, foi ele que doou. Chama Emei Modelo Hermínio Ometto. Tantas outras coisas que ele fez para o município!

Então partindo dele, por isso que eu acho que é meio injusto algumas coisas de algum setor da sociedade, do torcedor, do União São João. Porque foi uma dedicação muito grande da família Ometto, principalmente do Hermínio, e depois pelo filho dele, que é o Gilberto Ruegger, que eu não tive oportunidade de conhecer ninguém. Nem o Hermínio nem o Gilberto. O Gilberto

acho que morreu em 94, época que eu tava entrando no jornalismo, então não tive oportunidade de entrevistar ele. Acabou morrendo cedo.

Então acho essa historia bonita, porque começou lá. Não tem como desvincular a história do União São João daquele time de segunda divisão, daquele time amador da década de 1950. Não tem como. É lá que começou a história e depois virou o profissionalismo da década de 80. Uma historia muito bonita, cativou o torcedor na década de 80, vem cativando até hoje. Profissionalismo, muito profissionalismo nesse período, na década de 80, e certa... Não digo ingratidão do torcedor, mas certa frieza do torcedor com o União São João, eu vejo isso também. Existe mais reclamação do que exaltação do torcedor. Se chega em uma roda: “E o União São João!? E o União!? Xiiii, o União São João pode esquecer!” sabe? Eu acho que tinha que ser o contrário. “Pô, o União vamos ver se vai de novo, vamos lá torcer!” Eu vejo isso. Então eu vejo dessa forma.

Uma história muito bonita. Dedicção da família Ometto, década de 50, 60. Parou por vários motivos no amadorismo. Vamos falar a verdade, muita gente roubou. Muita gente acabou roubando e aí depois entrou para o profissionalismo e a coisa ficou um pouco mais séria.

E hoje a dedicação do Zé Mário Pavan. Eu acho que o Zé Mário Pavan tem muitos defeitos, eu critico isso, eu já citei isso várias vezes no jornal, mas ao mesmo tempo ele tem, ahn... Eu exalto ele, eu elogio ele pela dedicação que ele tem ao União São João. É lógico que ele tem fins lucrativos, mas se não fosse amor ao clube ele não estaria até hoje. Ele já teria abandonado o barco, entendeu?

Então eu vejo dessa forma: dedicação Hermínio Ometto, torcedor foi no embalo da década de 80 e 90. Só essas duas décadas. Década de 2000 agora não fizeram... Torcedor não se dedicou. E uma dedicação muito grande do Zé Mário Pavan. Se não fosse ele o União São João não existia mais!

É isso. Acho que é um resumo que eu faço. E acho que o União São João não morre não. Morre se cair em mão de empresário. Empresário específico com fins lucrativos. Por exemplo, Rio Caro. Rio Claro está cambaleando pra cair! O Rio Branco de Americana também. Fica esse negócio de terceirização, para empresa do exterior, eles vem, sugam e depois vão embora. Depois sobra um nada aí. Então só ta vivo até hoje por causa do Zé Mário Pavan.

DS: Acho que é isso. Te algo mais?

CC: Acho que é isso. Da situação atual, porque o União caiu? Ele caiu em 2005, mas na verdade ele estava cambaleando desde 2002, 2003. Eu acho que foi uma falta de percepção da diretoria do União São João em não se adequar à Lei Pelé. A Lei Pelé ela proibiu o passe mas ao mesmo tempo, mas ao mesmo tempo ela abriu novas maneiras de se administrar um clube. E o União demorou pra cair a ficha dele. O União poderia aproveitar isso. Então o que aconteceu?

O União caiu porque não conseguiu mais ter uma categoria de base forte, não conseguiu mais ter jogador. Fazia, mas não vendia, não dava certo. E se você não vende jogador você não tem receita. O União hoje, de 95 pra cá depende de receita de jogador. Enquanto na época da Usina São João era um investimento da Usina. Era um repasse, e um prejuízo só. Então demorou muito para o União entrar, e não entrou totalmente ainda no esquema da Lei Pelé. Agora que a gente percebeu que o União São João, e o próprio Zé Mário está agindo junto com o empresário. Que até então ele não queria empresário. Hoje tá agindo junto com empresário. De que forma?

Faz parceria com empresário, não tem nada de errado nisso. Se falou de uma Paulista da A2, vai montar um time. Como vai montar, não tem dinheiro! Então o que ele faz? Ele faz parceria com o empresário. O empresário traz jogador, três quatro jogadores. Se vender os jogadores divide lucro. Entendeu? É obvio isso, mas há um tempo atrás o União não admitia isso. Então ele fechava as portas para o torcedor e para o empresário. Então ele sofreu muito e acabou o time, o clube, em queda financeira, por isso que acabou se rebaixando. Agora pra voltar, eu acho que o União tem estrutura suficiente pra voltar. E se voltar ele consegue se manter ali na primeira. Porque os times pequenos que estão na primeira são do mesmo nível do União São João. Tudo mais ou menos igual. Então dá pra voltar.

O problema é que aí já é a questão do futebol mesmo. Tá batendo na trave todo ano. Todo ano tem uma particularidade. “Esse ano não subiu por causa disso. Aquele ano não subiu por causa daquilo”! Tem uma particularidade. Então isso que eu vejo.

Hoje o União São João esta um pouco melhor preparado que anos anteriores para a Lei Pelé, como os clubes não estão preparados. Eu acho que um Palmeiras, um Corinthians, um São Paulo, um clube grande, não estão preparados! Quem ganha com isso? Os empresários!

DS: Acha que sobe desta vez (em 2011)? A promessa de novo é de montar um time forte.

CC: A promessa é. Sexto ano? Sétimo ano? 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011... Sexto ano seguido que tenta o acesso.

DS: E que lugar você acha que o União teria em um brasileiro? Que série, por exemplo?

CC: Eu acho que o sonho do clube é estar na primeira do Paulista e na Série B do brasileiro. Esse é o sonho do clube. Se a gente pegar a Série B hoje, quem está lá do tamanho do União São João é um Bragantino, um Guaratinguetá, o Ituiutaba que está subindo da Série C, são todos do mesmo tamanho.

Então significa que tem essa vaga dentro da Série B pra clubes desse porte. Então acho que o União, se voltar a ser forte como era. Só que primeiro tem que subir no Paulista. Precisa garantir vaga na Série D pra depois pensar em Brasileiro. Mas eu acho que o ideal para o União é a primeira divisão, que merece, já era pra estar na primeira divisão e aí num tempo de cinco ou seis anos voltar para a Série B.

DS: É um time pra manter na Série B?

CC: Ah, eu acho que é um clube pra se manter na Série B. Mais que isso não cabe. Não é time de Série A. Se no Maximo um dia conseguir, porque futebol é assim, se consegue montar um time bom naquele ano. Se deu certo, encaixou três ou quatro jogadores. Às vezes você até consegue o acesso para a Série A, mas vai cair.

Se você mantém na Série B você consegue ter a visibilidade para você colocar um jogador no mercado.

DS: E a Série B é muito mais profissional do que na época que o União São João ganhou esse campeonato?

CC: Um pouco mais. Naquela época já era pesado. Mas o União São João disputou Série B em 98, em 99, em 2000. Ele disputou. Aliás, acho que ele fez um bom campeonato em 2000, que foi eliminado contra o Paysandu [de Belém, do Pará]. Ele chegou nas quartas de final contra o Paysandu. Que foi o ano que revelou o Danilo Sacramento que jogou bola pra caramba. Ele arrebentou.

DS: Eu fui ao jogo contra o Paysandu. Acho que empatou lá e aqui.

CC: Foi 0 a 0 aqui e 0 a 0 lá. E eles fizeram melhor campanha e o Danilo jogou bem e o União São João vendeu ele para o Monterrey. Foi uma das últimas grandes vendas do União. Tem o Luan que vendeu depois também.

Então vejo isso aí. O cenário do União é primeiro voltar para a primeira divisão do Paulista, se manter e aí tentar uma vaguinha. E ir tentando. Você pega o Marília, o Marília é forte né? Disputou Série C, quase caiu. Então é difícil.

ANEXO 3 – ENTREVISTA 3 – Antônio Carlos Martins (Iko Martins), ex-presidente e ex-proprietário do União São João Esporte Clube. Atualmente trabalha como empresário de jogadores e não têm mais nenhum vínculo com o clube. Dia 06/12/2010.

Perguntas feitas ao empresário Iko Martins:

Dênnny Siviero: Qual significado das cores do escudo? Porque mais cores além do verde e branco, cores do clube?

DS: É verdade que as cores do clube tem origem devido ao fato de que os fundadores eram palmeirenses?

DS: O senhor se recorda do primeiro acesso ao paulista, em 1987? Como foi?

DS: E o acesso e título da Série C Brasileira, em 1988?

DS: A revelação do jogador Roberto Carlos foi questão de sorte, competência das categorias de base, ou um misto desses elementos?

DS: Como foi o acesso em 1992 à série A?

DS: O título da Série B de 1996 é o título mais importante do time até hoje? Como foi ganhar esse título na época? Quais eram os bastidores da época?

DS: Qual o melhor momento da história do União?

DS: O União realmente foi o primeiro clube-empresa do Brasil? Como foi isso?

DS: O torcedor ararense se identifica com o União? Há alguma explicação para o pouco público que vai ao Estádio?

DS: O que o União representa pra Araras, na sua opinião?

DS: O que Ararinha representou para o União?

DS: Como definiria a história do clube?

DS: Mais alguma coisa que gostaria de falar?

O empresário Iko Martins aceitou conceder a entrevista desde que não houvesse qualquer tipo de gravação e permitiu anotações somente em determinados trechos da entrevista. Por isso no anexo estão colocadas somente as perguntas feitas ao entrevistado.
